

ODUVALDO VIANNA FILHO

**NOSSA VIDA
EM FAMÍLIA**

Fotos de DERLI BARROSO

ELENCO

"NOSSA VIDA EM FAMÍLIA" estreou no Teatro Itália, em São Paulo, em março de 1972, com direção de Antunes Filho e cenografia de José de Anchieta, com o seguinte elenco:

PERSONAGENS E INTÉRPRETES

OS PAIS

SOUSA - PAULO AUTRAN

LU - CARMEM SILVA

OS FILHOS

JORGE - MAURO MENDONÇA

NELI - KARIN RODRIGUES

BETO - PEDRO CASSADOR

CORA - CLÁUDIA DE CASTRO

A NORA

ANITA - ISADORA DE FARIA

A NETA

SUSANA - LIZA VIEIRA

A FREGUESA DE ANITA

APARECIDA - DIRCE MILITTELLO

UM AMIGO DE SOUSA

AFONSIHO - WALTER STUART

VÁRIOS PAPÉIS

WILSON, HONÓRIO,

MÉDICO - JUAREZ SEMOG

INTÉRPRETES DO SARAU

MARIO RESENDE - MATILDE LOPES

PEDRO GABRIEL DE SALLES

É proibida qualquer representação desta peça no todo ou em parte, em teatro, rádio, televisão, ou sua reprodução por quaisquer meios mecânicos, sem o consentimento do autor.

Diagramação : Estúdio GEPROM
Revisão: Mara de Almeida
Direitos desta edição reservados à
GEPROM EDITORA LTDA.
Rua Alfredo Ellis, 41
Caixa Postal 3.851
Fone 33-60-17
São Paulo

1972
Impresso no Brasil
Printed in Brazil

NOTAS DO EDITOR

- 1. Os trechos assinalados com colchetes não foram aproveitados na montagem da peça feita por Antunes Filho em São Paulo (1972).*
- 2. O texto aqui editado corresponde à segunda versão do tema, de responsabilidade exclusiva de Oduvaldo Vianna Filho. A primeira versão, intitulada simplesmente "Em Família", foi escrita por Oduvaldo e mais Paulo Pontes e Ferreira Gullar.*

UM PESADELO REAL

Esta peça é uma descrição de muitas vidas e sua maior função é transmitir para as pessoas como determinados métodos podem conduzir a vida a uma irreparável mediocridade. As relações entre o empregador e o empregado, por exemplo, que são resumidas neste diálogo:

"Mas eu sou uma indústria em instalação" – explica o patrão Honório a seu empregado Jorge –, "dedetização sofre concorrência dessas firmas enormes de inseticidas, eu batalho com a Ródia! Com publicidade na televisão... Tenho que vender com uma margem de lucro muito estreita, não tenho capital para ampliar instalações...".

Jorge argumenta que a firma desapertou da disputa com a Ródia tirando parte da comissão dos vendedores, tenta sustentar ao mesmo tempo o seu salário de vendedor eficiente e o de seus companheiros de profissão, mas termina aceitando esse jogo onde os sentimentos humanos são subjugados pelas necessidades de sobrevivência.

"Nossa Vida em Família" descreve minuciosamente esse jogo, que por ser um jogo de viver, fica distanciado da vida real, sem que as pessoas que o jogam percebam. "A gente precisa saber viver, é ou não é?... Não é fácil saber viver", conclui Cora, a irmã caçula de Jorge, que precisa roubar e vender alguns vestidos da loja onde trabalha para completar o reduzido orçamento doméstico de Cr\$ 700 por mês.

Entre Jorge e Cora, outro irmão, Beto, ganha ainda menos dinheiro preparando atestados de óbito num cartório, e Neli, a única mana de sorte, está casada com um milionário. O trabalho dos três primeiros é mais útil para o painel geral que Oduvaldo Vianna Filho compõe com "Nossa Vida em Família", mas o relacionamento deles com Neli é a própria explicação do pesado e constrangedor silêncio que se instala entre as pessoas:

"Você está com raiva de mim"– diz Neli a Jorge – "porque minha situação material é melhor, por que é que vocês têm tanta raiva de gente que está melhor situada na vida?"

Quem lê o texto de Oduvaldo Vianna Filho pode pensar, inicialmente, que se trata apenas de um drama sobre a triste situação dos velhos, ou de um estudo sobre as conseqüências da invenção da imprensa.

É que de repente, no início da peça, o velho Sousa e sua mulher Lu convocam seus filhos Jorge, Neli, Beto e Cora para expor uma pequena tragédia: morreu "seu" Rodrigues, o dono da casa em que vivem há muitos anos, e os herdeiros pediram a atualização do aluguel, que passa de 40 para 828 cruzeiros. O velho Sousa recebe apenas uma aposentadoria de 220 cruzeiros. Então ele passa a viver com uma das filhas, Cora, em São Paulo, enquanto Lu permanece no Rio, com Jorge. Neli fica encarregada de providenciar um lugar definitivo para ambos, e durante os meses em que os dois velhos ficam separados Oduvaldo Vianna Filho construiu sua narrativa.

A separação da esposa e a vida num ambiente diferente se transforma numa experiência angustiante para o velho Sousa, que passa a sentir vontade de telefonar para todo mundo avisando o que aconteceu com ele:

– Cuidado!... Não sei como se evita isso, mas tenham cuidado... De repente a gente tem vergonha de ter vivido... E não sabe onde está o erro...

Os dois velhos são o fio condutor da trama, dois velhos que chegam ao fim da vida falando sozinhos, carregando consigo apenas um monte de palavras. E o que está em questão é mais do que a simples descrição de um drama, é a tentativa de compreender porque esse drama acontece. É justamente por isso que todo um processo de vida em sociedade está colocado no palco.

É preciso completar o telefonema do velho Sousa e explicar a todas as pessoas do catálogo como pode alguém trabalhar honestamente a vida toda e chegar a seus últimos dias apenas "com a calma de nunca ter nada".

"Pois é, vovó" – diz Susana a Dona Lu – "eu sei que a senhora por amor deixou o vovô se preocupar mais com a imagem dele do que com ele..."

A menina percebeu que o grande erro de Sousa foi o de se preocupar mais com sua imagem do que consigo mesmo. Somente com a ajuda dessa fantasia – dessa imagem – ele pôde chegar ao fim da vida apenas "com a calma de nunca ter nada".

Os erros do velho Sousa, de um ou de outro modo, são repetidos pelos filhos. Seja por Cora, seja por Jorge, eles estão sacrificando suas vidas em troca de alguns sonhos, e os seus sacrifícios envolvem, além deles, outras pessoas, cujas vidas vão sendo prejudicadas ou destruídas, sempre em nome dos sonhos. Quem não se sacrifica, nada constrói, apenas ajuda a enterrar, como a milionária Neli.

Estão aí as peças de um pequeno quebra-cabeças que parece um pesadelo imaginário, mas é a simples realidade. De um lado pessoas que não têm dinheiro sacrificam suas vidas por dois ou três sonhos, e de outro, pessoas com dinheiro perderam a inocência dos sonhos. A vida não está com uns nem com outros – talvez esteja, então, numa divisão mais justa, mais exata.

GETÚLIO DUTRA BITTENCOURT

"apesar do cunho aparentemente demasiado passivo, o porte no destino e o garbo na tormenta, não significam apenas uma tolerância; são uma realização ativa, um triunfo positivo."

A Morte em Veneza / Thomas Mann

PRIMEIRO ATO

CENA 1

SALA DE JANTAR DE MIGUEL PEREIRA, DA CASA DE SOUSA E DONA LU.
ESTÃO: SOUSA, LU E SEUS FILHOS: CORA, NELI VIEGAS E ROBERTO SOUSA,
QUE PREPARA BATIDA DE LIMÃO E BEBE OS PREPARATIVOS.

BETO: ... e a professora disse pro menino "que é isso, Zezinho? então você diz "cabeu"? Não é "cabeu", Zezinho, é "coube". Olha..."

SOUSA: ...é coube mesmo, do verbo caber; não é verbo regular, é irregular...

CORA: É uma piada, velho, lembra do que é piada? hahaha, a gente faz assim: hahaha...

SOUSA: Piadas de falar errado não me fazem a menor moossa; lá em S. Paulo vocês falam "me dá um chopes", não é "me dá um chopes", é "me dá um chope"... Vou me trocar! Vocês falam "vou me trocar", vai se trocar por quem?... vou trocar de roupa, isto que...

LU: Temos aula de português, Sousa?...

SOUSA: Conta, conta Beto, pronto, falar bem é uma limpeza... uma claridade; afinal de contas a gente é o que fala e... porque vejam que... vai, vai, vai, conta Beto, conta a piada...

BETO: "Não é "cabeu" que se diz, Zezinho, é "coube".

SOUSA: "Coube", isso.

BETO: Pois é; "olha, você vai escrever nessa folha quarenta vezes a palavra "coube".

SOUSA: "Coube", de acordo.

CORA: Ah, ô pai, mas me desencarna!

BETO: Aí o menino começou: coube, coube, coube...

CORA: Coube está certo, velho?

SOUSA: Coube, está.

BETO: Não, eu vou contar até o fim essa piada porque sou um homem que vai até o fim das coisas... coube, coube, coube... ué, ninguém interrompeu?

LU: Ah, meu Deus, que agonia...

BETO: ... coube, coube... chegou no fim da página, tinha escrito só trinta e oito vezes... aí, ele botou: "Fessora, não escrevi mais porque não cabeu."
(TODOS RIEM. SOUSA RI DESBRAGADAMENTE. TOCA A CAMPAINHA. LU VAI ATENDER)

SOUSA: Há muito tempo que eu não ouvia uma coisa tão sem pé nem cabeça, ah, que coisa destrambelhada...

BETO: É, piada de falar errado não é mesmo com ele...

CORA: Vai engasgar aí, hein, ô, pela madrugada, eu adoro esse velho!

ENTRA JORGE – O MAIS VELHO DOS IRMÃOS – VEM ABRAÇADO COM A MÃE.

JORGE: ... há, ha, ha, qual foi a graça, ha, ha, ha... puxa, todo mundo aqui, aleluia...

VOZES: Como vai, Jorge? – Como vai a Anita? – Que camisa bonita, seu. Isso é caro, hein?

JORGE: Não! Cora! Essa caçula também veio? (CORRE PARA ELA. ABRAÇAM-SE FORTE) Veio de São Paulo? Ô, minha menina, ô minha menina...

CORA: É, também sou da família. Mesmo que vocês não lembrem, está no registro civil...

JORGE: É, a reunião é importante mesmo, Sousa, estou vendo que a reunião é importante... mas o que é que ele tanto ri?

BETO: É que não cabeu, Jorge, não cabeu... (SOUSA RI) (JORGE PEGA A MÃE DE NOVO): Deixa ver, deixa ver, dá uma voltinha. (A MÃE DÁ UMA VOLTINHA) Miss Brasil. Miss Brasil.

LU: ... essas graças de como está bonita é só pra quem está muito velha... e eu não estou muito velha... tenho sessenta e dois anos...

SOUSA: (COMO NA ROLETA) Sessenta e sete... vermelho... (RI)

LU: Sessenta e dois, Sousa, não seja presumido.

SOUSA: (ATAQUE DE RISO MEIO CONTÍNUO). Não falei nada... estou jogando roleta... sessenta e sete, preto!

BETO: Preto. Pretíssimo.

LU: Bom, fazemos sessenta e Quatro e não se fala mais nisso. (RISOS)
Como vai a Anita, a Susana?

JORGE: Anita vai bem, mandou lembrança, ela não pôde vir, não sai daquela

máquina de costura; a Susana vai fazer vestibular no ano que vem e está estudando, mandou lembrança...

- BETO: Se lembrança valesse um mônei, hein, Sousa? você estava rico!
- SOUSA: Você nem lembrança manda, perdeu uma chance de ficar calado.
- JORGE: Onde está o seu Irineu? Não era Irineu aquele senhor que vocês alugavam um quarto pra ele, todo empertigadinho?
- LU: ... ele saiu... faz um mês...
- JORGE: E você, Sousa, como vai?
- SOUSA: Ué, não vai falar com o cachorro antes? ... já chegou a minha vez?
- LU: Está cada vez mais ranheta, ranhetice entranhada mesmo, Deus me livre...
- SOUSA: ... você era o único que vinha aqui de quinze em quinze dias, também sumiu...
- JORGE: Estou na batalha lá no Rio, Sousa, e perdendo feio... mas só faltei uma vez... mas estou na batalha, perdendo...
- BETO: O importante não é ganhar, o importante é competir.
- SOUSA: Importante é não competir.
- BETO: ... ele está perdendo que é uma tristeza, comprou apartamento em Copacabana, comprou fusca, olha a camisa dele pele de ovo...
- JORGE: Liga pra ele, não, Sousa, ele estava recolhido no Juizado de Menores...
- CORA: Mamma mia! Vem cá, há quanto tempo não ficamos todos juntos! Vim de São Paulo querendo me lembrar da última vez...
- SOUSA: Mamma mia é uma expressão italiana
- LU: Todos juntos, não, Mariazinha não veio, não pode sair lá de Brasília, dinheirão sair de Brasília, que se paga caro pela vida, lá... A última vez que ficamos juntos foi... foi...
- BETO: Já sei, já sei – foi na minha primeira comunhão. (SOUSA RI)
- LU: ... espera... foi no noivado da Cora, faz o quê? sete anos...
- CORA: Eh! Não me vem com essa... no meu casamento vocês foram todos..
- NELI: Eu, não, Cora... não fui ao seu casamento...
- BETO: Ainda bem, foi um saco, "chopes quente", paulista é vidrado num "chopes quente"... (SOUSA RI.) Ele gosta...
- NELI: Eu estava na Europa.

CORA: Pela madrugada, quanto tempo!

BETO: Falando em chopes, quem quer uma "batidas de limões" (COMEÇA A SERVIR)... façam o favor de beber com esmero... limão de casca fina. Em primeiro lugar, a mãe.

LU: Primeiro os mais velhos. (RISOS. ROBERTO SERVE SOUSA)

SOUSA: Vá lá que seja, eu fico como o mais velho, vá lá que seja...

CORA: Tem que fazer um brinde, um pic-pic.

SOUSA: Pic-pic? O que é pic-pic? (AGORA É BETO QUEM RI)

CORA: Aquilo: é pic, é pic...

SOUSA: É pic? Isso é coisa de paulista também, o que quer dizer é pic, meu Deus?

CORA: Ô, velho, o senhor tem uma curiosidade grande, não?

BETO: Já sei, olha o brinde, é poético, sestroso... (TEMPO) À casa. À velha casa de nossa velha infância.

CORA: Velha infância a sua, mamma mia, nem me vem, que eu...

SOUSA: Não é má idéia, não é, Lu? Não é má idéia. À velha casa. À nossa casa. (TODOS ERGUEM SEUS COPOS E FALAM ENTRE ALEGRES E APREENSIVOS)

TODOS: À casa. – Pra você, casa. – À casa.

JORGE: Pai, por que é que o brinde...

CORA: (CORTANDO, A ROBERTO)... foi nessa sala que você me correu atrás de mim de faca...

BETO: Não te alcancei, não é, que pena...

CORA: Não me deixavam namorar com o Ivo, me corria de faca, me trancava no quarto...

BETO: Comigo é assim, a honra da família tranca-se nos quartos...

CORA: O Jorge me deixava namorar com o Ivo... nunca mais vi o Ivo...

BETO: Ivo viu a uva.

NELI: Eu me lembro do Ivo... lembra, Jorge?

JORGE: A Cora tinha tanto Ivo...

NELI: Não, esse era um moreninho, que não ria. Não é, Cora?

CORA: ... não lembro... não... lembro o nome dele... Ivo não sei das quantas Sabino... Tinha dinheiro ele... terminei me casando com o Wilson... O

Wirso... (ELES BEBEM. SILÊNCIO)

JORGE: Por que é que o brinde não foi má idéia, pai?

BETO: (ERGUE O COPINHO DE NOVO) (JÁ ESTÁ FICANDO ASSIM, ASSIM)
Aos nossos pais: os melhores que pudemos arranjar no Peg-Pag!
(SORRISOS. SOUSA NÃO RI) Sousa, essa não caiu bem?

LU: Sousa, o Jorge perguntou por que...

SOUSA: Eu ouvi, Lu, eu ouvi...

LU: Não precisa falar assim, Sousa...

SOUSA: Quer que eu fale agora?

LU: Não, Sousa, não...

SOUSA: Então, cala a boca.

CORA: Olha o homem do saco! Se continuar essa briga eu chamo o homem do saco, hein? Ah, como me enchiam o pacová com esse homem do saco...
(MEIO RISO DELA) Eu tinha medo, claro, sou a caçula, a menorzinha, tenho muita saudade, fiquei com saudade quando cheguei aqui, pareceu que eu tinha ficado aqui...

JORGE: Ainda não é hora de falar, Sousa? é tão sério que...

BETO: Até que enfim, é o testamento! O testamento! [Quero a Ceia do Cristo, aqueles copinhos de cristal da Baviera, quero os ternos de casimira risca de giz, os risca-de-giz ninguém tasca... ih, estou sendo profundamente desagradável.. essa não deu muito lbope não, não é, Sousa?]

SOUSA: [Foi engraçado... foi engraçado...] (ALGUM SILÊNCIO)... não tenho nada, nunca tive nada... só tive, sei lá, a calma de nunca ter nada... o que hoje em dia se chama incompetência, falta de culhão...

CORA: Orra, que grossura, pai, orra!

SOUSA: É melhor você parar de beber, menino, depois você não almoça.
(SILÊNCIO)

CORA: ... nossa, a gente está tão desacostumado um do outro, não?...

JORGE: O que é que está havendo, pai?

LU: Depois do almoço, depois do almoço...

NELI: É melhor falar agora, não é, Jorge?

VOZES: Claro! Melhor falar de uma vez. O que é que houve?

SOUSA: O que é que você acha?

LU: ... não sei, você é quem sabe de tudo...

SOUSA: Não sei, Lu, eu não sei nada, estou em branco...

LU: ... você devia ter visto que estava tudo tão alegre e... a Corinha lembrou que o Beto correu atrás dela... não foi uma faca, Cora, era um caniveteinho...

SOUSA: A velha casa, vinte anos de aluguel, nós não podemos ficar mais aqui...

VOZES: O quê? Como é que é? Mas então o seu Rodrigues fez isso? – Calma, deixa o Sousa falar...

LU: Antes do almoço que eu fiz, Sousa...

SOUSA: O seu Rodrigues. Cora, (ela não sabia), morreu. Faz uns... quantos meses faz Lu... Lu, estou falando com você...

LU: ... faz dez meses agora no dia 15...

SOUSA: Ele morreu num dia 14.

LU: Dia quinze de setembro.

SOUSA: Quatorze de setembro, tenho certeza. (LU FICA QUIETA) Faz dez meses agora no dia 14... ele me deixava pagar quarenta contos de aluguel por essa casa toda... fiz muito serviço pra ele... [teve uma vez que ele fugiu com uma moça... como chamava a moça, Lu?

LU: Todos eles sabem dessa história, Sousa.

SOUSA: A moça, como chamava a moça?

LU: Ismênia.

SOUSA: Que Ismênia, coisa nenhuma?

LU: Ismênia, Sousa.

SOUSA: Ismênia, isso mesmo; ele fugiu com a Ismênia, menina mesmo, uma pela bonita, falava francês... ele tirou a menina dos pais e ela ficou escondida na nossa casinha antiga lá no Méier, no Rio... só o Jorge era nascido... a Neli já era nascida? A Neli também era... A Ifigênia ficou lá mais de um mês, tocava violão...

CORA: Ismênia, pai.

SOUSA: Ismênia, claro, que foi que eu disse? Agora, onde é que eu estava?

LU: Você já contou isso, Sousa.

SOUSA: Ah, depois eu mudei pra cá pro Miguel Pereira e aluguei essa casa do seu Rodrigues, podia pagar,] mesmo assim, o aluguel de quarenta contos

foi ficando puxado... então ele não aumentou mais o aluguel... fomos ficando... depois que vocês todos foram embora, aluguei dois quartos pro seu Irineu, duzentos e trinta contos da minha aposentadoria, homem do armazém conhecido, padeiro compadre, umas hortaliças no quintal, deu pra ir tocando. Seu Rodrigues era bom sujeito e tudo, mas se ele morreu, de quem é a culpa?

CORA: Fala com a gente, velho, parece que o senhor está sempre falando sozinho, que fajutagem!

JORGE: [Seu Rodrigues morreu], mas os filhos dele iam deixar vocês aqui, não iam? Isso sempre ficou claro.

SOUSA: Brigaram, Jorge. Mas, briga, briga, briga, briga. Quando gente amiga, de repente descobre que se odeia... Briga, briga, briga. Aí entrou um advogado, o Arquísio Cintra, o Cintrinha. Lembram do Cintrinha? Eu já era noivo da sua mãe e ele mandava flores e recadinhos pra ela. E ela lia os bilhetinhos.

LU: Sousa, por favor, Sousa.

JORGE: E aí, pai, aconteceu o quê? Você foi falar com o Cintrinha.

SOUSA: Claro, fui falar com ele "pára de mandar bilhetinho senão enfio ele goela adentro". (BETO SENTADO NUMA CADEIRA, COCHILA)

JORGE: Agora, Sousa, agora, o que é que o Cintra disse?

SOUSA: Disse que a casa estava no espólio do Rodrigues e ia ser leiloada, que o único jeito de eu ficar com ela era atualizar o aluguel com a lei... aí o aluguel passava de quarenta pra oitocentos e vinte e nove contos... não, nada disso, oitocentos e vinte e oito...

LU: É por causa da lei... que lei, Sousa?

SOUSA: Do inquilinato, Lu, toda hora você me pergunta isso?

LU: Eu esqueço, Sousa.

SOUSA: Não esquece, Lu, você não quer saber, é diferente, nunca quis saber.

LU: Eu esqueci o nome dessa lei do inquilinato.

SOUSA: Inquilinato. Lu, deixa de ser burra, inquilino: inquilinato! (SILÊNCIO LONGO)

JORGE: Sousa, quando é que vocês têm de sair?

SOUSA: O Cintrinha deu um prazo de três meses, ele entendeu e...

CORA: Ah, pela madrugada, então não é uma sangria desatada. Quando é que termina o prazo?

SOUSA: Terça-feira. Depois de amanhã.

VOZES: Terça-feira agora? – Não é possível! – Mas o senhor ficou maluco, velho?

JORGE: Puxa, Sousa, assim... Ô, Sousa, ô Sousa... você devia ter avisado antes.

SOUSA: ... o seu Amaro da padaria estava vendo se conseguia alguma coisa pra nós, aqui em Miguel Pereira mesmo e...

JORGE: Sousa, você tinha que avisar a gente, Sousa.

SOUSA: Seu Amaro só mistura 15% de farinha de mandioca no pão, só, o que é permitido por lei...

CORA: Pela madrugada, velho, isso é um absurdo! Isso é desatino! que fajutagem é essa? O senhor me tinha que ter avisado a gente antes!

SOUSA: Não "me" tinha que ter avisado antes coisa nenhuma! Não "me" tinha que avisar nunca! Não queria que isso acontecesse comigo, não quero que aconteça. Não consigo entender [e sem eu entender nunca deixei acontecer], eu trabalhei, trabalhei à luz do dia, tudo à luz do dia, não acredito que isso aconteceu, se aconteceu quero que minha vida se suspenda agora, congele agora, quero ficar como eu sou, como eu me respeito...

CORA: (EM CIMA) Isso não interessa, interessa que devia ter avisado. (SILÊNCIO LONGO) Essa não! Que bololô, pela madrugada! (NOVO SILÊNCIO) Ih, o Beto dormiu... ah, que maluco... adoro esse maluco... (NOVO SILÊNCIO)

JORGE: ... Pai, ô pai, eu entendo mas... tem umas horas que a gente não pode ter orgulho...

SOUSA: Tem?

JORGE: TEMPO) Não sei... também não interessa mais discutir isso...

SOUSA: (TEMPO) ... não, não, também não é... essa casa ficou grande pra nós, não é, Lu?... ela não pode tomar conta sozinha... a artista está com uma artrite na mão que volta-e-meia a mão dela fica empedrada... se não fosse a d. Sebastiana que em troca de dormir no quarto de empregada ajuda aqui na limpeza, às vezes na cozinha, ia ficar ruim... a gente não se importa de sair de Miguel Pereira... até é bom... rodar um pouco... o

Irineu, o inquilino, já se mudou... dona Sebastiana parece que vai morar nos fundos de uma escola aí... a casa ficou enorme... por isso que parece que eu falo sozinho... a gente chega no fim da vida só com as nossas palavras...

LU: Vou ver o almoço... está um banquete... segui todo o protocolo do Itamarati... (SAI. TEMPO DE SILÊNCIO DE NOVO)

SOUSA: ... ela não põe sal na comida, cismou de não pôr sal na comida...

JORGE: Mas ainda continua a melhor cozinheira do país, não continua?

NELI: É impressionante como mamãe cozinha...

SOUSA: ... não... perdeu a mão...

CORA: Ô, Beto, acorda, ô [que coisa fajuta...] a família desmoronou...

BETO: Outra vez? [Isso tem se dado muito... com uma certa monotonia...(SILÊNCIO) Perdi momentos decisivos? (LONGO SILÊNCIO)]

CORA: Essa viagem me enjoou, sabe? Estou sem fome, ando comendo mal, não sinto gosto, o que será? diz que tudo está ficando meio químico, né? Eu sei que é uma sensaboria, uma... como que é que diz...

BETO: Insipidez. Você sente insipidez.

CORA: É isso aí, bicho, assim que falam agora, sabia? é isso aí, bicho!

NELI: É sistema nervoso, Cora, eu também já tive isso, nada anima a gente, não é?

CORA: Não, isso não, a novela da Tupi em S. Paulo, das sete, eu sempre me animo pra ver.

BETO: Vocês me acordaram pra presenciar esse papo chocho?... vocês têm certeza que não existe outro assunto melhor? Pensem bem que vocês encontram... (SILÊNCIO)

JORGE: Olha, gente, tem essas casas aí que estão construindo, populares, não é caro, quer dizer, tem tempo pra pagar... (SILÊNCIO)... quer dizer, é verdade que tem gente que diz que paga, paga e fica devendo mais... (SILÊNCIO)

CORA: O senhor não deve aceitar, velho, essas casas em vila, uma encalacrada na outra, meia parede, todo mundo assistindo televisão ao mesmo tempo, pela madrugada, não aceita isso não, velho, vai por mim.

JORGE: Você tem outra sugestão, Cora?

CORA: A única que eu tenho é que vocês deviam ter visto isso antes, entendeu? os velhos desse jeito ao Deus dará, pela madrugada! estou em S. Paulo, não é, velho, não podia ver...

JORGE: Espera aí, Corinha, por favor! Papai não disse nada pra gente, você não viu?

BETO: Assim; assim eu já não durmo mais. Bem na medida.

CORA: Estou em S. Paulo, é ou não é, velho, fala aí, ora, fica fajutando, estou te defendendo!

BETO: Cora, você sabia que agora tem um negócio chamado Embratel? O apelido é DDD – Discagem Direta à Distância.

CORA: Que está falando você, mas que estão falando vocês? quem foi me visitar em São Paulo? faz mais de dois anos que não vejo ninguém, só a Neli passou por lá de nariz tapado, toda nojenta.

JORGE: Calma, Corinha, calma.

CORA: No meu aniversário recebo um telegrama do pai e da mãe, quem mais que me procura?

JORGE: Esse negócio de casa popular, pai, eu pensei numa coisa melhor possível que se encontrasse, quer dizer, uma coisa boa, quer dizer, a gente dividindo entre nós, cada um de nós dá um pouco...

CORA: Não dou um tostão, não tenho nem pra mim!

(FALAM MUITO SIMULTÂNEOS AGORA. TODOS, INSENSIVELMENTE, VÃO SE DIRIGINDO A SOUSA).

BETO: Também não estou nessa vaquinha, não.

CORA: Sou vendedora de balcão, entende velho? em pé oito horas!

BETO: Sou escreventezinho de cartório, passo o dia copiando atestado de óbito, moro em quarto alugado...

CORA: ... estou com criança pequena... eu e o Wilson, juntos, tiramos 700 contos por mês, uma miséria!

BETO: Quem pode pagar, pai, é o Jorge e a Neli, eles podem. Jorge teve colégio melhor que eu, eu nasci no sanduíche...

JORGE: Claro que posso pagar, pai, claro, mas não posso sozinho...

CORA: Meu marido Wilson é como o senhor, barnabezinho, ali agarrado no

emprego, se borrando de medo de perder os anos todos...

JORGE: Cora, estou pagando apartamento, prestação do carro, minha filha faz cursinho pra vestibular, problema não falta pra ninguém.

BETO: A Neli tem dinheiro, pomba! Quer dividir, como?

NELI: (PROCURANDO SER SEMPRE DOCE) Meu marido tem dinheiro, Beto... mas também tem dívidas e... infelizmente ou felizmente, não sei, o dinheiro e as dívidas são dele, não são meus.

BETO: Ah, que pena... então não deu certo, é? você casou com ele pra fugir das pobrezas da família Sousa e...

JORGE: Beto, vê aí, vê aí... Tem que ser todo mundo, cada um o que puder, tem a Mariazinha em Brasília, somos cinco, gente, somos cinco...

BETO: A única coisa que posso fazer pela família é registrar atestado de óbito de graça, alguém aí está precisando de atestado de óbito?

JORGE: Beto, por favor, por favor, calma hein, muita calma vocês todos, hein? (SILÊNCIO PESADO. CONSTRANGEDOR)

SOUSA: ... se vocês quiserem abrir a porta, pra ventilar mais, podem abrir... eu fecho sempre, a Lu diz que tenho mania de vento encanado, ela diz que de pneumonia não morro...

[JORGE: ... com esse ar aqui de Miguel Pereira, oxigênio puro, ninguém morre de nada...

NELI: Diz que a sessenta quilômetros daqui tem o melhor clima da América Latina, em Santa Maria Madalena. (SILÊNCIO) Você já ouviu falar?

JORGE: ... é... eu li alguma coisa, sim...

NELI: É impressionante como o turismo é mal explorado, não é?

SOUSA: Ah, isso não tem dúvida. Diz que a Espanha vive do turismo. Imagine aquela Espanha, pelejou tanto... El Cid, não é El Cid? agora é cicerone... dá meio vergonha...

CORA: Não sei porque, brigou tanto e ficou com uma mão atrás e outra na frente, agora está metendo a mão no dólar dos turistas, se virou, se virou... Hum, garganta seca... alguém tem um chicletes?

SOUSA: (PEQUENO TEMPO) Não é um chicletes. E "um chiclete"... (SILÊNCIO. LU ENTRA. FICA PARADA UM TEMPO)

LU: Que foi?

SOUSA: Nada.

LU: Por que esse silêncio assim?

SOUSA: Deve ser fome. Esse almoço parece pinto de cachorro, não sai nunca.
(BETO MORRE DE RIR. QUER QUE SOUSA O ACOMPANHE)

BETO: Foi boa a piada, Sousa. Vamos rir.

SOUSA: Essa foi eu que contei... (SILÊNCIO)

LU: ... você devia ter avisado eles antes, Sousa! Que absurdo!... depois não dorme de noite, "vem deitar, Sousa, vem deitar"... você explicou pra eles que agora tem essas casas populares? vi uns anúncios, tem até jeitosinhas, cara de ventilada, pousadinha no chão, com uma boa cozinha, não gosto daqueles cochichinhos de cozinha, não... Sousa, não fala nada?... está mais preocupado com o passado que com o futuro... calma, Sousa, tudo se resolve, é ou não é?... O almoço está na reta da chegada, hein... (SAI.)

SOUSA: (TEMPO) Liga, não... ela sempre quis que as coisas fossem mais simples... (TEMPO)]

JORGE: Neli, desculpe, não estou querendo deixar você sozinha, quer dizer, estou aí pra tudo... mas seu marido é um homem, pode-se dizer, rico, Neli... a casa é grande... você não podia cuidar do papai e da mamãe...?

NELI: Claro, claro... minha casa tem três quartos, Jorge... não sei se pode se dizer que seja uma casa grande...

SOUSA: É melhor vocês conversarem sozinhos, eu...

CORA: Que sozinhos? que sozinhos? Qual é? fica aí, velho, não admito que o sr. saia...

NELI: O Arildo, eu posso falar com ele... ele... bem, o Arildo tem uma pequena fábrica de móveis e... bem, apareceram grandes organizações, hoje em dia estão vendendo móveis até nos supermercados, com prazos longos... a situação dele não é a ideal... talvez até seja muito ruim... o Arildo, ele está um pouco estremecido com a mãe dele... ela fica muito sozinha, pediu pra ir morar lá conosco... Arildo foi muito gentil com ela, telefona todo dia agora... mas não quis, recusou... ele tem uma teoria que os nossos filhos não devem morar com os avós...

SOUSA: Está certo, está certo...

CORA: Pela madrugada, velho, não vem com os panos quentes! a mãe do marido dela é rica, tem lugar onde cair morta, ah, nem vem; o pai e a mãe estão aí pelas tabelas.

JORGE: Ô, Cora, fala de outro jeito.

CORA: Ah, é o meu jeito, mas quem está mais interessada sou eu, adoro o velho!

BETO: O Jorge faz a maior cara de vamos resolver isso já, mas está com duas prestações do carro atrasadas, foi até no cartório me pedir dinheiro! não é engraçada essa, Sousa? Não sai com o carro no domingo pra não gastar gasolina, fica aí que parece o Ministro do Planejamento... põe essa roupa porque é vendedor na praça... você é feito o pai: dificuldade para presenciar algumas evidências. Parece aquela do enforcado que perguntaram pra ele qual o seu último desejo e o enforcado respondeu: espero que a corda arrebente. (CORA E BETO RIEM MUITO. SOUSA SORRI)

SOUSA: ... é engraçado...

NELI: (DEPOIS DE TEMPO) ... olha... você, Jorge, ficava com um deles em casa... você, Corinha, fica o outro com você... uns dois meses... um pouco de tempo pra mim, eu falo com o Arildo, a gente se dá bem... aí eles vão lá pra casa, ou a gente vê a casinha, ou o que seja... eu precisava de um pouco de tempo...

JORGE: Pra mim está ótimo. Ótimo. Pra você, Cora?

CORA: Ah, não sei... então vai a mamãe comigo, me ajuda com o bebê, ih vai ser uma zorra, ah meu Deus...

SOUSA: Não, não quero que a Lu saia do Rio.

CORA: Ué, quem escolhe são vocês? Espera lá, espera lá...

SOUSA: ... Não é, Corinha, é que... a Lu não está esperando que aconteça isso... então é melhor ficar no Rio, fica mais perto de vocês... eu gostaria de ficar com o Jorge... gostaria de ficar com você, filho...

CORA: Então não precisa ir pra minha casa, velho... se enfia os dois lá...

SOUSA: Gostaria também de ficar com você, Cora...

CORA: Tá bom, tá bom, eu fico com o papai, vamos pra lá, pai... vai ver a Jaqueline, tua neta... mas só dois meses, não é? Sem fajutagem...

BETO: Sei não, a Neli não vai resolver isso, ela tem medo do marido.

NELI: Beto, pra que isso comigo hoje, Beto?

BETO: Desculpe, eu leio o jornal, entre um atestado de óbito e outro, eu leio jornal, o sr. Arildo Viegas vai nas recepções sozinho, nunca vi o seu nome...

NELI: Que recepções, Beto? O nome do Arildo saiu uma vez no jornal, há um mês sei lá, porque ele fez uns móveis para uma agência de Banco no subúrbio... e eu não fui, ou fui e meu nome não saiu...

BETO: Ah, não seja tão metida a pobrezinha, Neli, nessas revistas de mexerico o nome do seu marido volta e meia sai, quer dizer, não sai o nome dele, mas sai sempre a notícia que tem uma cantora aí que uma vez por semana muda os móveis do apartamento...

NELI: Nunca lhe dei autorização pra falar assim comigo, que é isso? nunca lhe dei autorização pra falar assim comigo, faça o favor! É mentira! é mentira isso tudo que falam! meu marido arranhou esse lugar pra você no cartório, é fiador do Jorge, emprestou dinheiro pro marido da Cora que ele não pagou, [faça o favor, nunca lhe dei autorização pra falar assim comigo, todo dia pedindo dez cruzeiros, cinco cruzeiros, cheio de vinagres], não vê que eu estou propondo o maior sacrifício? ficar com os dois o resto da vida? (SILÊNCIO GERAL. LONGO)

SOUSA: ... olha... tem uma coisa que eu quero falar... a Lu está pensando nesse almoço há uma semana... ela fez aquela clara de ovo que fica boiando... me foge o nome... fez só porque vocês gostavam quando eram crianças.... (NOVO SILÊNCIO. LU ENTRA)

LU: Meninos, está na mesa.

VOZES: Muito bem – Vamos ver esse almoço, dona Lu. Até que enfim! – Boas falas.

LU: (ELES VÃO SAINDO. SOUSA SAI NA FRENTE) Quero ver se vocês se lembram dos seus lugares na mesa.

JORGE: Puxa, mãe, tinha uma coisa que eu tinha tanta vontade de comer.

LU: Que foi? Comprei três garrafas de vinho Precioso.

BETO: Três, deixa comigo.

JORGE: Não, não, faz séculos que nunca mais comi ovos nevados e...

LU: Eu fiz! Eu fiz ovos nevados! Fiz!
VOZES: Ovos nevados – Maravilha – Que bom, mãe! – Sensação no Maracanã!
LU: (TODOS VÃO ENTRANDO) (LU TERMINA DE FALAR LÁ DENTRO)
Sousa! Eles lembram dos ovos nevados! Eu fiz ovos nevados, veja só.
Ah, que coisa engraçada, eu fiz ovos nevados, não é tão engraçado?

CENA 2

O CENÁRIO SE DIVIDE EM DUAS SALAS. NO APARTAMENTO DE JORGE. NO RIO, ANITA, SUA MULHER, DESENHA O MOLDE DE UMA ROUPA, TRABALHO CUIDADOSO. SUSANA, A FILHA DE 17 ANOS, ENTRA NA SALA. PISA DURO; VOLTA. SOME. UM TEMPO. ENTRA NA SALA DE NOVO.

ANITA: ... que tanto você vai e vem, Susana? me distrai aqui... estou ainda fazendo o molde de um vestido que preciso entregar amanhã à noite.
(SUSANA VOLTA) Que foi, Susana?
SUSANA: A avó está no banheiro há mais meia hora, mãe. Deve estar fazendo pipi quota anual.
ANITA: Não fala assim, Susana.
SUSANA: Preciso sair, mãe, vou pra casa da Leninha estudar.
ANITA: Hoje não é dia delas virem aqui?
SUSANA: Ah, pois não, e estudamos na cozinha? no elevador? A vovó dorme cedo, você fica trabalhando na sala, papai telefona pr'os clientes do quarto, sobra o bidê.
ANITA: Marca mais cedo com elas, Susana, não quero você saindo toda noite.
SUSANA: Ô, mãe, não estou encontrando mais com o cara.
ANITA: Isso de encontrar ou não, a gente já combinou que é decisão sua. Agora ficar de vez em quando em casa é decisão minha.
SUSANA: A vovó usa um perfume que... oleoso sabe, o quarto fica impregnado... Eu não consigo dormir. [E guarda as roupas da primeira comunhão de todos os filhos, sabia? Nunca vi coisa mais desanimada que aquela santa de barro com luzinha azul acesa a noite toda... eu apago, ela acende...]
ANITA: Deixa de ser enjoada, Susana.

SUSANA Vocês aceitam tudo, sabe que eu não acredito, não entendo como se pode aceitar tudo assim, é coisa de catecismo, não é? sofras e serás feliz! é essa, não é? torneios anuais de sofrimento?

ANITA: Fazer o quê?

SUSANA: Não, dizer não, assim não, epa, nem pensar! nenhum respeito pelo sofrimento.

ANITA: No caso concreto de sua avó, isso significa o quê? Fazer o quê?

SUSANA: Lugares bonitos, lugares pra gente de idade ir com muitos netos fazendo canto orfeônico, pintura de Frá Angélico.

ANITA: Não existem esses lugares.

SUSANA: Sai pedindo, põe as bandas na rua, sai pedindo.

ANITA: Enquanto isso, com a sua avó, faz exatamente o quê?]

SUSANA: Está bem, mãe, está bem, deixa ela lá no banheiro.

ANITA: Ah, meu Deus, errei... viu só?... (APAGA COM BORRACHA) Nunca erro! (LU ENTRA)

SUSANA: Oi, avó, incomoda se eu também fizer o pipi que me cabe?

LU: Boba. Demorei muito não é? Estava lavando umas roupas do Jorge. (SUSANA ENTRA)

ANITA: Ah, dona Lu, obrigada, mas não precisa se incomodar, dona Lu, as roupas do Jorge, eu lavo fora...

LU: Não deve fazer isso. Sai muito caro. Economia, menina, economia.

ANITA: Ah, isso é, mas a gente não tem onde pendurar roupa, não tenho área...

LU: Pendura no banheiro mesmo.

ANITA: No banheiro, será que não fica um pouco mofado, dona Lu?

LU: Não. Se abrir o basculante, não, está compreendendo? O seu basculante está quebrado, não abre, precisa chamar alguém pra trocar a ferragem; agora, antes, pergunta o preço, eu sempre pergunto o preço antes...

ANITA: Ah, é, senão...

LU: ... é, filha, foi fazendo economia que eu e o Sousa criamos cinco. Vou te contar uma coisa engraçada, sabe que eu fazia economia até no sapóleo? nunca usei Bom-Bril, porque quando passa Bom-Bril no sapóleo, sai muito sapóleo, pode reparar, fica tudo no Bom-Bril... eles fazem de propósito isso tudo, minha filha... só uso paninho... você não

devia usar Bom-Bril...

ANITA: ... é... eu já pensei nisso, sim... (ANITA DESENHA O QUE FOR POSSÍVEL DURANTE A CENA)

LU: Está desenhando um molde, é?

ANITA: ... é... tenho que entregar amanhã... depois de amanhã tenho outro vestido pra entregar, não sei como vou fazer... e Dona Aparecida é horrível de chata, não sei como vou fazer...

LU: Essas minhas mãos com a artrite, não servem pra nada, senão eu te ajudava; meu forte nunca foi costura; minha mãe não deixava; quem costura é muito sozinha; azeda muito as pessoas e força a vista... eu tenho vista de menina; [você tem muito pouca iluminação na sala, o apartamento é tão escuro, não é? Que coisa! você não viu isso quando escolheu? essas coisas a gente só vê depois, não é, mas vou pra cozinha, faço questão, não quero ficar de hóspede, a refestelada... (LU LIGOU A TELEVISÃO) é a novela DOIS DESTINOS, não está vendo?

ANITA: Essa não estou acompanhando, não, novela das cinco eu quase nunca vejo.

LU: É uma porcaria essa, coitada, demora pra acontecer cada bobagenzinha. Trabalha, filhinha, trabalha, não precisa me paparicar não, me deixa, estou à vontade...] (SUSANA VOLTA)

SUSANA: Tchau.

ANITA: Combina com a Leninha, amanhã aqui, está bem?

LU: Não vai levar o guarda-chuva, minha filha?

SUSANA: Precisa, não.

LU: Leva sim, filhinha, acho que vai chover.

SUSANA: Vai não, vovó.

LU: Chuva aqui no Rio engana muito, não é, Anita?

ANITA: Ah, é...

LU: Então! leva o guarda-chuva, filhinha, leva. (SUSANA SAI) Ai, fico me metendo em tudo, eu tinha dito "não vou me meter em nada" mas, sei lá... se fico muito quieta parece que não estou interessada e... passarinho em gaiola pula mais... (SUSANA VOLTA COM O GUARDA-CHUVA ABERTO E VAI SAINDO) Essa menina... [Desculpe, não quis dizer que

aqui é gaiola, não, você me entendeu, não foi?

SUSANA:

Claro.

LU:

Olha a Elisa. (NA TELEVISÃO) A peste. Pérfida! Um poço de entrementes Só acontece alguma coisa quando entra a maldade, já viu isso? Eu sempre disse pro Sousa: "é a maldade que mexe as coisas", Sousa; davam rasteira nele, Sousa nem nada, levantava, dizia uns palavrões e dizia: "pronto, estou de pé de novo"... sem rancor, sem nenhum rancor...

ANITA:

Seu Sousa é formidável.

LU:

Olha ela, olha ela, depressa, Anita. (ANITA ERRA DE NOVO, USA A BORRACHA DE NOVO, MAS SUA REAÇÃO É IMPERCEPTÍVEL) Ah, mudou de cena.

LU:

Você demorou, Anita. É bonita, a pérfida... tinha um sujeito que dizia que a injustiça é mais atraente que a justiça... eu falava pro Sousa: "Sousa, você não acredita em Deus, pra que você é assim?" "Sousa, mete o cotovelo também. Bate, homem, não enfrenta a correnteza, bate! que adianta essa consciência tranqüila se ninguém sabe dela?" Olha a Elisa! É essa! Como é bem tratada, não é?

ANITA:

Ah, é sim, muito bonita.

LU:

... ela está metendo na cabeça do Luís Alfredo que a Dulce tem outro homem... e o Luís Alfredo não percebe que ela está mentindo... Sousa, nas novelas, torce pelos maus, que eles se esforcem muito... eu torço pelo mocinho, é o único lugar onde os pamonhas ganham... trabalha, menina, não precisa ficar me olhando... fico tão preocupada com o Sousa, acho que ele tem vergonha de ter ficado velho...] (JORGE ENTRA CORRENDO)

JORGE:

Oi, gente, oi, mãe dos meus sonhos... Anita, não vou jantar, tenho que ir correndo pra uma conferência do Sindicato com os patrões, eles não querem pagar a comissão normal de venda porque dizem que são uma indústria em instalação... imagine, como se dedetização fosse indústria de base! Só vim trocar de roupa, está trabalhando, Anita, nossa!... tudo bem, mãe, [a novela é boa?] (ENTRA CORRENDO. AS DUAS SE OLHAM)

LU:

Aqui em Copacabana a vida parece aqueles filmes quando passam

depressa, não é?

JORGE: (VOLTA JÁ SEM CAMISA) Onde está aquela minha camisa rosa? camisa de encarar patrão?

ANITA: Eu separei hoje no cabide atrás da porta.

LU: Cabide atrás da porta? Uma rosa bem clarinha?

ANITA: ... é...

LU: Não estava suja? Eu lavei.

JORGE: Ah, mãe, puxa, que pena, eu... (SILÊNCIO RÁPIDO) Tem nada, não, tem nada, não, mãe, não vai me ficar com enxaqueca por causa disso, hein?... Olha esse sisteminha nervoso de cristal... tenho mais camisa de ver patrão...

LU: (JORGE SAI. SILÊNCIO LONGO)... onde já se viu pôr camisa limpa atrás da porta? Atrás da porta a gente põe camisa que já usou, que vai usar em casa, nunca vi isso...

ANITA: (TÍMIDA) ... a gente costuma fazer assim aqui... (SILÊNCIO)

LU: Ah, não, ah não.... tenho sessenta e oito anos e sinceramente nunca vi isso, sinceramente, nunca vi isso... porque a ferragem do basculante está quebrada também... (JORGE VOLTA CORRENDO. GRAVATA DESFEITA)

JORGE: Tchau, gente, vou lá brigar com os homens. Tchau. Bacana você lavar minhas camisas, mãe... mas você ajuda a gente em outras coisas, viu? Camisa quando seca no banheiro fica muito desanimada e a ferragem do basculante eu mandei tirar que não se pode abrir uma janela aqui em Copacabana que logo tem platéia. Tchau.

AS DUAS: Tchau. Tchau, meu filho. (JORGE SAI. TEMPO LONGO DE SILÊNCIO)

LU: Você não devia deixar o Jorge se meter nessas coisas de sindicato e essas coisas... tenho horror dessas coisas, o Jorge é que sustenta isso tudo aqui, é bom a gente não esquecer disso...

ANITA: (A MAIS SIMPÁTICA POSSÍVEL) Não era o que a senhora dizia pro seu Sousa? Briga, Sousa, briga. Quem ouviu foi o seu filho...

LU: Ah, Anita, minha filha, é uma coisa completamente diferente, minha filha, você não me entendeu, é uma coisa completamente diferente.
(ANITA TRABALHA. LU FICA PARADA. APAGA A LUZ).

CENA 3

ABRE A LUZ NO APARTAMENTO DE SÃO PAULO. SEU SOUSA ESTÁ COM AFONSINHO, UM AMIGO QUE ELE ARRANJOU NO CANINDÉ.

AFONSINHO: Entende, seu Sousa, é seu Sousa seu nome, não é?

SOUSA: Me chama Sousa.

AFONSINHO: Pois é, Sousa, entrementes, eu me aposentei no Corpo de Bombeiros, entrementes, aposentado, a gente fica assim, feito um exílio, é ou não é?

SOUSA: Ah, é, parece que tiram o cordão do seu sapato que aperta, desabotoam tua braguilha, arrancam os botões da camisa... a gente fica aliviado mas se segurando todo, meio nu, calça na mão, no norte dizem: a gente fica feito bosta n'água.

AFONSINHO: (MORRE DE RIR) Ah, essa eu vou contar... vou contar... entrementes, dá licença de dizer que a piada é minha? porque eu também sou muito engraçado... ai, ai, ai, tenho o intestino frouxo, seu, não posso rir desabragado que faço cocô... (ACALMA) Onde é que eu estava?

SOUSA: Estava com o intestino frouxo. (AFONSINHO RI. SOUSA RI MUITO)

AFONSINHO: Ai, ai, ai... eu fiquei pensando, o que é que eu vou fazer na vida, fora sentar na calçada? aí eu encontrei uns companheiros que moram aqui pelo Canindé... aí a gente decidiu formar a Associação dos Veteranos Bombeiros Amigos do Canindé. A AVBAC. Entrementes, não quer ingressar na AVBAC?

SOUSA: Infelizmente, eu não sou bombeiro. Além do mais, estou com o fogo apagado. (AFONSINHO MORRE DE RIR)

AFONSINHO: Não brinca com o intestino do velho... Está de mangueira mole? (MORREM DE RIR)

SOUSA: Sou funcionário público, do protocolo... e tive uma oficina de consertar rádio...

AFONSINHO: Mas pra ser da AVBAC não precisa ser bombeiro.

SOUSA: Mas não é de veteranos bombeiros?

AFONSINHO: A gente registrou assim, mas entrementes, entende? entrementes depois a gente viu que veterano bombeiro no Canindé só tinha dezoito, aí a

gente botou no estatuto que podia entrar qualquer um amigo do Canindé.

SOUSA: Eu não sou amigo do Canindé. Também não sou inimigo, longe de mim. Sou neutro. Como a Suíça. Estou aqui na casa da minha filha de passagem, vou pro Rio, vim a negócios...

AFONSINHO: (NA JANELA) Aquela que eu falei, vem cá, a mulatinha que eu falei que anda de blusa aberta... olha cada mocotó, Sousa...

SOUSA: Puxa, rapaz...

AFONSINHO: Olha como as carnes tremem, feito tivesse eletricidade, seu... Entrementes, hein? Hein, Sousa? (FAZ MIL GINÁSTICAS COM A LÍNGUA) Hein, Sousa? (A LÍNGUA REVOLUTEIA NA BOCA, SENSACIONAL) (SOUSA RI) Essa é a especialidade da casa. Qual é a sua?

SOUSA: Não sou especialista, faço clínica geral. (MORREM DE RIR) (ENTRA CORA)

CORA: Ô, velho querido, boa noite.

SOUSA: Minha filha, Cora, fala errado mas é muito boa menina. Esse é o Seu Afonso, Afonso o que, seu Afonso?

AFONSINHO: Laranja. Afonso Laranja, entrementes. Mas sou conhecido como Afonsinho.

CORA: Encantada.

SOUSA: Ele é o presidente da Associação dos Bombeiros de Mangueira Mole. (OS DOIS MORREM DE RIR. CORA RI)

CORA: Esse meu velho é um número.

SOUSA: É a Associação dos Bombeiros Simpáticos do Canindé.

AFONSINHO: Simpáticos do Canindé, é engraçado... amigos do Canindé... AVBAC, dona Corinha, às suas ordens...

SOUSA: Ficamos amigos onde velho fica amigo, na farmácia.

CORA: Ah, que ótimo, esse velho está precisando mesmo de amizade por aqui. Trata ele bem, seu Afonsinho, isso é coisa preciosa.

SOUSA: Ele vai me arrumar outra mangueira. (MORREM DE RIR)

CORA: Trouxe teus óculos, pai. 220 contos, acabou-se a aposentadoria, que assalto, ô!

SOUSA: Óculos pra ler o quê? Não comprem jornal aqui... Eu convidei o seu

Afonsinho pra jantar, Corinha.

CORA: Seja bem-vindo, não é jantar, é café com leite só.

AFONSIÑO: Sem pão?

CORA: Não, com pão.

AFONSIÑO: Ah, bendito seja. (SIMPATIA, RISOS)

CORA: Faça o favor de sentar. (SENTAM-SE. SOUSA SENTA EM CIMA DO EMBRULHO DOS ÓCULOS DEIXADO POR CORA)

AFONSIÑO: Entrementes, estou convidando o Sousa pra entrar pra AVBAC.

CORA: Entra sim, velho.

AFONSIÑO: A senhora também está convidada.

CORA: Ah, muito obrigada.

SOUSA: Tenho que voltar logo pro Rio, senão ela me corre daqui...

CORA: Fajutagem dele, fala de barriga cheia, estou tratando ele assim...

AFONSIÑO: Você entra pra AVBAC enquanto está aqui... olha, ontem na rua Dr. Emanuel Santos, só na rua Dr. Emanuel Santos eu contei quatro faróis desligados...

SOUSA: Farol, o que é?

CORA: Farol, velho, não sabe o que é? Depois eu que não sei falar.

AFONSIÑO: Farol.

CORA: Farol. Do trânsito, velho, ô!

SOUSA: Sinal. Chama sinal.

CORA: No Rio chama sinal, aqui chama farol, que é, não pode?

SOUSA: Está errado, não é um farol, é um sinal. Aquilo é um sinal.

CORA: Mas é farol também, pela madrugada!

AFONSIÑO: Entrementes é também, Sousa.

SOUSA: Está bem, está bem, não vou discutir dialeto paulista, mas farol é outra coisa, farol se mexe, mas está bem, vá lá que seja, farol, e daí?

AFONSIÑO: Daí, imediatamente, entrementes a gente pega e escreve um "demorandum" da AVBAC pro Departamento de Trânsito, entende? Tudo que acontece de errado assim no Canindé, a AVBAC escreve um "demorandum" de denúncia.

CORA: Ah, que besteira, isso não serve pra nada, só encher lingüiça.

SOUSA: Como não serve pra nada? Está muito certo; pra gente como eu? Muito

certo. Sabe que aqui na esquina o sinal não funciona!

AFONSINHO: Não me diga! Viu? Todo mundo vendo as coisas... a gente vê melhor... entra pra Associação?

SOUSA: Entro, sim, claro, sendo assim, claro... só que tenho de saber direito até onde vai o bairro do Canindé pra não reclamar do bairro dos outros.

AFONSINHO: Isso a gente tem mapa. Recebemos das autoridades competentes um bonito mapa em três cores. (SILÊNCIO)

CORA: ... ainda falta quinze minutos pra começar a novela... (SILÊNCIO) ... daqui a pouco o Wilson está aí com a Jaqueline, minha filhinha... ela passa as tardes na casa de uma prima dele... meu marido vai buscar... mas a prima dele cobra, não faz isso de boazinha, não, que ela é uma fajuta... (SILÊNCIO) Acho que vou me trocar...

SOUSA: Vai se trocar por quem? (AFONSINHO E SOUSA RIEM)

CORA: ... a loja hoje teve pouco movimento... mas vai começar uma liquidação... as pernas ficam em brasa... (RI. TIRA DA BOLSA UM VESTIDO)... roubei da loja hoje, vou vender pra mulher do 502... (A AFONSINHO. APONTANDO SOUSA) Olha a cara do velho, ele fica doente que eu faço isso... os homens têm doze lojas na cidade... pra cima de mim?... [a gente precisa saber viver, é ou não é?... não é fácil saber viver...] (TEMPO) Vou me trocar, estou toda grudenta... (SAI. UM TEMPO. VOLTA) Onde é que estão os óculos que eu te trouxe? (TEMPO) Levanta, velho. (SOUSA LEVANTA. CORA PEGA O EMBRULHO. DESEMBRULHA. ÓCULOS QUEBRADOS) Ah, pai! Duzentos e vinte contos, pai. (AFONSINHO RI. TEMPO. SOUSA RI) Dinheiro teu... pode rir... parece a piada da hiena... dinheiro meu não ponho, não, se vira... rouba vestido... pede pra Associação dos Bombeiros da Mangueira Mole desse aí. (RI TAMBÉM. TODOS RIEM MUITO)

CENA 4**

REVERSÃO DE LUZ. ABRE NA SALA DO RIO. ANITA, NA MESA, RECORTA PANO DE ACORDO COM O MOLDE. BETO SENTADO, FAZ PALAVRAS CRUZADAS. RUÍDO DE MÁQUINA DE ESCREVER QUE VEM DO QUARTO. LU FALA.

LU: ... eu quase que empurrei o Sousa... (BETO MEIO DORME)... "Sousa, vai falar com seu Rodrigues, Sousa", "ele te deve favor, pede dinheiro emprestado e monta uma oficina, pede licença no serviço público, vai homem, vai homem de Deus", o dia todo falando, falando...

BETO: ... antiga trombeta mourisca com seis... antiga trombeta mourisca...

LU: Deixa eu contar, Beto. Dorme aí.

BETO: Mãe, essa é a sua história carro-chefe, mãe, você conta sempre, agora só a cores... flauta? flauta é antiga trombeta mourisca?

LU: Aí, eu falei, insisti com o Sousa, falei, ele foi, ficou na sala de espera do seu Rodrigues e voltou, não teve coragem de falar.

BETO: Deixa a Anita trabalhar, dona Lu. Lugar destinado à criação de rãs, será ranzal? Onde cria rã, dona Lu?

ANITA: Deixa ela contar, Beto.

LU: Aí eu insisti de novo, ele foi, seu Rodrigues deu o dinheiro na mesma hora, ele montou a oficina, minha filha, maravilha, então ia comprar rádio velho pra depois consertar, pintava e vendia de novo...

BETO: ... Jorge, olha sua mãe falando sem parar aquela história que ela contou ontem...

** Esta cena foi cortada e substituída por um diálogo telefônico entre Beto (que está num telefone público) e Neli (que está em sua casa), aproveitando-se os diálogos do autor que constam nesta mesma cena, até a expressão "quartinho de empregada".*

** As falas de Lu nesta cena foram quase que totalmente aproveitadas na CENA 2 no que se refere à narrativa dos antecedentes dos negócios do Sousa.*

LU: ... aí ele pagava um dinheiro pelo rádio velho. "Sousa! Isso que você pagou é quase o preço de um rádio novo!" Eu pago o que vale, Lu. Não vou enganar ninguém!" Resultado, não tinha quase lucro, ficou cheio de dívidas, teve que voltar pro serviço público, fazer extraordinário pra pagar o seu Rodrigues... "explica pra Seu Rodrigues, Sousa, não paga essa dívida", ih, ele fazia um escândalo! dá cotovelada também, Sousa, morde, as pessoas mordem, morde, Sousa, você tem que pensar nos seus filhos, na sua velhice, essa é a sua responsabilidade, pensa menos nessa altivez, pensa mais na sua ambição!

BETO: Não adianta, papai foi sempre pobre metido a besta. Em vez de ter posto na mão de cada filho uma faca amolada, ele botou uma lata de talco, em vez de botar um cubo de gelo nos nossos coraçõezinhos, botou uma esponja. Deu nisso aí, uma mão na frente outra atrás, sem lugar pra cair morto.

LU: Não fale assim de seu pai, que maldade, que desconsiderarão! isso é uma desconsideração... (SAI PARA DENTRO)

BETO: Ué, mãe, eu falei o que a senhora estava dizendo... (ANITA VAI PARA DENTRO. BETO SE ENCOSTA. ACENDE UM SPOT EM NELI, COMPRESSA NA CABEÇA)

ANITA: (VOZ LÁ DENTRO) Dona Lu, eu acho Seu Sousa um homem admirável... ele se respeita acima de tudo, respeito por si mesmo... é uma coisa generosa a gente se respeitar... é muito altivo... muito delicado... alguém no mundo tem que deixar a delicadeza de viver, a altivez, fora as crianças... tenho a maior admiração pelo seu Sousa...

LU: Não... ele é um pobre metido a besta... (BETO DISCA O TELEFONE)

JORGE: Que é isso, mãe? (TODA ESTA CENA É FORA DO PALCO) Vai, Anita, vai trabalhar... você tem que Terminar logo esse vestido que a tal dona Aparecida é uma chata... vamos, mãe, que é isso?

ANITA: Não fique assim, dona Lu.

LU: Vai fazer esse vestido, vai, Anita, me deixa, por favor, por favor, você não gosta de conversar mesmo, vive nessa máquina, por favor, não gosto de rasgar seda, não... a única que seguiu meus conselhos foi a Corinha. Ela tem dinheiro guardado, a Corinha... me deixa... (SILÊNCIO. OS DOIS

ENTRAM NA SALA. BETO, NO TELEFONE, FAZ CARA DE MOLEQUE.
NELI ATENDE DO OUTRO LADO)

NELI: Alô.

BETO: Senhora Neli Viegas?

NELI: Sim?

BETO: (FALA, VENDENDO SE A MÃE NÃO VEM) Aqui é da Seção de Achados e Perdidos, a senhora sua mãe foi encontrada dentro de um engradado debaixo do Viaduto dos Marinheiros, podia fazer o favor de vir desengradá-la? (JORGE QUER TIRAR O FONE DE BETO)

NELI: Que é isso, Beto? que é isso?

BETO: Não vai resolver nunca, minha filha?

NELI: ... acabei de falar há vinte minutos com o Jorge, você estava aí, por que está telefonando de novo?

BETO: ... olha, fala com seu marido assim: "Arildo, você está montando um apartamento pra tal cantora, porque você não aproveita e põe minha mãe no quartinho de empregada?" (JORGE ARRANCA O FONE DE BETO)
(NELI CHORA)

JORGE: Oi, Neli... Neli... Ele é um palhaço... está bêbado como sempre... Neli... Neli, não tenho nada com isso... Neli... (DESLIGA. NELI DESLIGA)
(JORGE ENTRA. TEMPO. OUVI-SE A MÁQUINA. ANITA JÁ HAVIA RETOMADO SEU TRABALHO)

CENA 5 *

REVERSÃO DE LUZ EM SÃO PAULO, AFONSINHO E SOUSA SENTADOS NA SALA DORMEM. RONCAM MUITO ALTO; TELEVISÃO FORA DO AR NA CARA DELES. UM CHORO LANCINANTE DE CRIANÇA VEM DO QUARTO. CORINHA, VESTIDA MELHOR, ENTRA. OLHA OS DOIS DORMINDO.

CORA: [Falei com o porteiro, Wilson... já disse que não vou pagar condomínio esse mês de novo, de maneiras que...] (ENTRA) Que foi? Que foi com a menina, meu Deus?

** Esta cena é a 6ª no espetáculo de Antunes Filho.*

WILSON: (VOZ) Deve estar chorando há meia hora... está quase sem fôlego... teu pai e esse outro aí, o bombeiro, não acordaram... te disse que a gente não devia ir no cinema...

CORA: (VOLTA FUZILANDO, ACORDA OS DOIS COM VIOLÊNCIA) Pai, ô bombeiro, velho, acorda aí, acorda aí! (OS DOIS ACORDAM ESTREMUNHADOS. CORA NÃO PÁRA DE FALAR) Pela madrugada, o que é isso? eu vou pro cinema, nunca vou pro cinema, eu vou pro cinema e a menina desse jeito, nunca vou pro cinema, vou pro cinema... por isso que o porteiro falou "a senhora deixou a menina sozinha?" mas vocês são surdos? a menina está tremendo, está roxa, pela madrugada, pela madrugada!

SOUSA: Não grite assim, o que foi que aconteceu?

CORA: Não me vem assim, não me vem assim, não, com grandes ares, aqui falo eu, não vem com cara de pai fajuto, não, o que você fez é fajuto, fajuto, a menina treme toda, coitadinha, treme, treme, deve estar chorando há uma hora...

SOUSA: Que uma hora, que uma hora? Cinco minutos... deixa chorar, faz bem pr'os pulmões...

CORA: Ah, é, ah, é, ah, é, eu sou a errada, eu que estou incomodando o sono dos velhos, não é, velho é pra dormir, não é pra dormir que serve velho? Dormir e comer aqui na minha casa, não é, ô bombeiro fajuto! pensa que aqui é pensão, quer que eu faça marmita? dois meses comendo na minha casa?

SOUSA: Não admito que você fale assim com um amigo na minha casa!

CORA: Que sua casa, que sua casa, que sua casa?

SOUSA: Você é mesquinha, menina, entende? seu marido rouba válvula boa das televisões que conserta, você rouba vestido... detesto gente que vive escondida contra os outros, vocês são assim, escondidos dentro de ruelas dentro de vocês, só os olhos nas persianas fechadas... não gosto de você, menina.

CORA: Então vai embora, é um favor, vai embora, eu...

WILSON: (VOZ) Cora, vem pra dentro, deixa falar, deixa falar. (CORA CORRE PARA DENTRO CHORANDO. LONGO TEMPO DE SILÊNCIO.

AFONSIÑO TENTA FAZER UMA INÚTIL MÍMICA DE MENINO QUE FOI APANHADO. SAI. SOUSA FICA SOZINHO. O CHORO DA MENINA LÁ DENTRO AOS POUÇOS SE ACALMA, MAS AINDA É ALTO. OUVESSE CORA TAMBÉM QUE CHORA BAIXO, SENTIDA. SOUSA FICA PARADO UM LONGO TEMPO)

SOUSA: ... (MUITO BAIXO)... essa casa é úmida... esse rio Tietê cheira mal... O Canindé cheira mal... (LONGO SILÊNCIO) ... queria telefonar pra todas as pessoas e avisar o que aconteceu comigo... cuidado... não sei como se evita isso, mas tenham cuidado... de repente, a gente tem vergonha de ter vivido... e não sabe onde está o erro... na lista telefônica, de um por um; começava pela letra a... cuidado, muita cautela, tenham muita cautela... por favor, tenham muita, muita cautela... (FICA PARADO LONGO TEMPO. ENTRA)

CENA 6*

REVERSÃO DE LUZ PARA O RIO. DONA LU ESTÁ SENTADA, CABECEANDO DE SONO UM TEMPO. SUSANA ENTRA SEM FAZER BARULHO. SAPATO NA MÃO. ACENDE A LUZ, LU ACORDA.

SUSANA: Ué, vovó, a senhora está aqui? (FALAM BAIXO)

LU: (MAIS BAIXO AINDA) Estava esperando você, menina. Onde você estava?

SUSANA: Na casa da Leninha.

LU: Mentira. A Leninha telefonou pra cá às nove perguntando por você.

SUSANA: A Leninha? não, eu...

LU: Quatro horas da manhã, menina, você não foi estudar, onde você estava?

SUSANA: A senhora contou pra mamãe que a Leninha telefonou?

** Esta cena é a 5ª no espetáculo.*

LU: Tinha obrigação de contar... mas também não gosto desse papel... afinal, também criei cinco... e seu pai e sua mãe começaram a ficar preocupados, se eu fosse contar, eles iam ficar zangados que eu não falei antes... ah, meu Deus, que agonia... agora, você não chegava, estou aqui mais mole que um catupiri... onde é que você estava?

SUSANA: Eu tenho um namorado, o pai e a mãe não gostam dele, mas eu gosto, gosto e está acabado, é ou não é? eu gosto. Pai não gosta dele que ele é rico. É rico mesmo, bonito, pai tem vergonha dele, tem medo, sei lá... pai mede as pessoas pela dificuldade de viver que cada um aceita... não pela preocupação de ser feliz...

LU: Você tem que vir estudar todo dia agora, senão vou ter que contar pra sua mãe.

SUSANA: Não tem lugar pra estudar aqui.

LU: Por minha causa? Ah, meu Deus, meu Deus...

SUSANA: Tem nada, não, avó, eu estudo, sim, mas saio com ele e daí? ele parou na minha, está parado! não vou ficar como a mamãe sentada numa máquina e meu pai vendendo mata-barata e discutindo comissão com dono de dedetizadora... não vou ficar por aí e acontecer o que aconteceu com a senhora? sofrimento não é minha mercadoria, avó, não deve ser mercadoria de ninguém...

LU: Seu pai quer que você faça uma universidade, que estude...

SUSANA: Sei, e virar professora? vou arranjar emprego onde? não tenho vestido, a mãe quer que eu use os que ela faz, não tenho sapato, shampoo é nacional, ônibus superlotado, sanduíche no Bob's, livro, não se tem dinheiro pra comprar um bem ilustrado, não vou me enterrar em deveres e responsabilidades, pra com quem? com isso aí fora poluído, só porque é a única maneira que os homens têm de viver?

LU: ... você tem raiva dos seus pais, Susana?

SUSANA: Não. No gênero, são ótimos... no ramo deles, são perfeitos... mas estão no altar do sacrifício, eu não, quero viver, quero minha vida, minha responsabilidade é comigo, que a minha vida seja feliz, isso é que eu devo pr'os outros, a minha vida...

LU: ... isso que eu dizia pra Corinha, é isso, ela foi a única que ouviu o meu

conselho, sabe? é a caçula, fiquei mais com ela; pensa em você, pensa em você, ela tem dinheiro guardado, parece que tem quinze milhões guardados, ela pensa nela...

SUSANA: Pois é, avó, eu sei que a senhora, por amor, deixou o vovô se preocupar mais com a imagem dele, do que com ele... não vou fazer isso...

LU: Faça, não, faça, não, minha querida, levante suas velas...

SUSANA: Obrigada, avó. (TEMPO) (INDO PARA DENTRO COM ELA) Psiu.

LU: Psiu.

SUSANA: Não precisa contar nada pra mamãe, não é?

LU: Não precisa contar nada... (SAEM)

CENA 7*

ABRE A LUZ DO APARTAMENTO EM SÃO PAULO. SOM DE SOUSA RONCANDO ALTO. CORA BATE NA PORTA BEM DE LEVE. NUMA DELICADEZA NUNCA VISTA.

CORA: (BAIXO) Velho... meu velho... (UM POUCO MAIS FORTE) ... paizinho...

SOUSA: (DE DENTRO) Hein? que foi? Que horas são?

CORA: (DESARMADA, QUE SOUSA ACORDOU) Não, não, não é nada, desculpe...

SOUSA: Você me acordou pra dizer que não é nada? (TOSSE)

CORA: Não queria te acordar, não, meu velho...

SOUSA: Como não queria me acordar se estava me chamando?

CORA: Desculpe, desculpe, sabe? nas outras noites eu chamo você, você pára de roncar sem acordar, desculpe...

SOUSA: Não desculpo, jamais vou desculpar você...

CORA: Não faz assim, pai, estou de joelho, não me fajuta mais a alma, você ronca um pouquinho alto às vezes, de maneiras que a Jaqueline acorda...

****Totalmente cortada do espetáculo***

SOUSA: Você me acordou pra dizer que eu ronco? (TOSSE)

CORA: Vamos conversar um pouquinho mais baixo, velho... (SOUSA APARECE)

SOUSA: É um absurdo, me acordar no meio da noite pra dizer que não queria me acordar! É um inferno dormir nesse quarto que é uma oficina com parafuso e transistores no travesseiro... (CRIANÇA CHORA)

CORA: Pai, me perdoa, pai, não fajuta mais minha alma, olha, a Jaqueline acordou; está bem, eu não presto, mas a menina não tem nada com isso...

SOUSA: E eu também não acordei? Hein? Não adianta agora seus salamaleques! O que eu ouvi de você, foi pra sempre, rolo nessa cama de vento de merda, nessa enxovia, um enxurdeiro, uma hora pra conseguir apanhar um sono, vem você fariséia, me chamando de meu velho? não é velho que você me chama? velho, eu sou o velho...

CORA: ... não adianta, não vou responder, pai, de modos que não vai ter mais charivari...

SOUSA: Não é de modos que se diz! É "de modo"! De modo que esse rio Tietê cheira mal, de modo que eu estou aqui há três meses e não agüento. Onde está a solução que vocês iam ver? (CORA CHORA)

WILSON: (VOZ) Cora, vem dormir, Cora, vem, meu amor! (CORA ENTRA. SOUSA ENTRA)

CENA 8*

REVERSÃO DE LUZ. ACENDE NO RIO DE JANEIRO. DONA APARECIDA E ANITA NA SALA. ANITA EXPERIMENTA UM VESTIDO AINDA NO MOLDE. APARECIDA DANÇA IÊ IÊ IÊ PARADA NO MESMO LUGAR.

** É a 7ª e última cena do 1.º ato no espetáculo. Termina após telefonema Sousa/Lu.*

APARECIDA: (MÚSICA DE JERRI ADRIANI)

Meu bem
procure entender
isto não fica bem...

Por falar em isto não fica bem, Anita: a última vez, você me entregou o vestido meia hora antes do batizado; dessa vez, preciso do vestido amanhã e estou experimentando papel? (DANÇA)

ANITA: Eu sei, dona Aparecida, eu sei...

APARECIDA: Estou vendo que vou aparecer nua no tal noivado... ponho um chapéu cheio de pluma de avestruz, umas luvas e vou pelada, não é isso que você quer? Se alguém disser "mas pelada, Aparecida", eu digo "é Christian Dior, minha filha, estou aqui que estou toda Christian Dior"...

ANITA: Entrego amanhã cedinho, ontem passei mal com cólica, caí na cama, febre, dispnéia, sabe? entrego amanhã, sem falta.

APARECIDA: Febre, tenho eu o dia todo, minha filha, na frente do meu apartamento abriram uma academia de halterofilismo... passo o dia inteiro vendo homem de sunga... e eles botam algodão, chumaço de algodão dentro da sunga... ficam com uma aparelhagem, minha filha, com uma presença que Deus me acuda...

ANITA: Como a senhora pediu: vestido reto, saia evasé com pespontos, bem simples...

APARECIDA: Eu tinha escolhido esse, Anita, mas é que eu estava gorda, entende? Tenho uma amiga que lê muito francês, sabe? e ela leu em francês que o último grito agora é gargantilha e cintinho fino com macho na costura lateral... por mim, prefiro macho na frente... será que dá tempo? eu emagreci, entende? às quintas-feiras, agora, estou fazendo macrobiótica, é uma coisa muito importante essa macrobiótica, [é até oriental. Será que dá tempo?]

ANITA: Vamos ver, eu desenho já... com licença... (PEGA O MOLDE E SAI.
APARECIDA CANTA E DANÇA)

APARECIDA: Meu bem,
procure entender
isto não fica bem

não posso gostar de você...

(DONA LU ENTRA COM UM PACOTINHO NA MÃO. APARECIDA DANÇA)

LU: Comprei! Comprei! ah, bom dia, dona Aparecida, pensei que fosse a Anita, fui na farmácia, sabe? Mudei de perfume, minha neta me indicou um novo perfume, coisa muito moderna, ela acompanha nos jornais, ela até me ensinou a dançar essa dança, ela me ensinou...

APARECIDA: Não me diga, dona Bilu. Quero ver.

LU: Não, que é isso! Isso é coisa de gente jovem como a senhora.

APARECIDA: Que jovem, qual nada, dona Bilu, já fiz 34 anos! 34!

LU: 34? Não acredito, dona Aparecida, juro que não acredito.

APARECIDA: Muito obrigada. Vamos, dona Bilu, quero ver a senhora dançar. Deixa cair, assim é que se diz agora, deixa cair. (RIEM. CANTA E DANÇA. MÚSICA DE JERRI ADRIANI)

Está caindo uma lágrima do seu rosto

Se não a beijo, o vento a secará...

Vamos, dona Bilu, só um pouquinho, pra mim... (LU, ACANHADA, COMEÇA A DANÇAR. APARECIDA CONTINUA A CANÇÃO. DANÇA TAMBÉM)

[Quero guardar pra sempre aqui em meus lábios

Esse sabor gelado do nosso adeus].

Que gracinha, a senhora dança que é uma gracinha.

LU: Ah, que é isso, dona Aparecida!...

[APARECIDA: (CANTA) Vou conhecer o mundo que não conheço

Mas lembrarei pra sempre do nosso adeus.

(APARECIDA RECOMEÇA A MÚSICA. DANÇAM. LU DANÇA DISCRETÍSSIMA)]

LU: [(CONVERSAM DANÇANDO)] Onde está a Anita?

APARECIDA: Está dando um toque no meu molde.

LU: Ela estava tão preocupada que não tinha feito o vestido da senhora, a senhora nem imagina...

APARECIDA: Pára, não, o baile não terminou. (CANTA)

LU: A senhora não brigue com ela, coitada, muito trabalho, sabe? Imagine

que ontem ela passou a noite inteira, até cinco da manhã, fazendo um vestido pra dona Sílvia Lopes, conhece dona Sílvia Lopes? Uma simpatia, gorda assim como a senhora, menos gorda, mas gorda também... (APARECIDA PÁRA DE CANTAR. [LU AINDA DANÇA MAIS UM POUQUINHO]) Anita pega assim tanta encomenda porque eles estão pagando esse apartamento, tem uma parcela intermediária agora em setembro, altíssima, altíssima... (ANITA VOLTA)

APARECIDA: Então ontem você estava doente, Anita, febre, foi? [(LU PÁRA DE DANÇAR)]

ANITA: Estive ontem, claro, eu...

APARECIDA: Você fez foi o vestido da Sílvia Lopes!

ANITA: Dona Sílvia? Não, é que... eu estive...

APARECIDA: Você não fez o meu vestido porque tinha uma encomenda da Sílvia Lopes, aquela vaca que leva esses menininhos de Copacabana pra casa quando o marido não está, pouca vergonha... nem devia receber essa vaca na sua casa... o dinheiro da Sílvia Lopes é melhor que o meu? (LONGO SILÊNCIO)

LU: (O MAIS FIRME POSSÍVEL) Ainda tenho que cortar a alface... quero cortar bem picadinha, sabe, Anita?... quero também tomar um banho quente, estou muito fria, com medo da artrite... ela vem aí... com licença... prazer em vê-la, dona Aparecida... (SAI)

ANITA: (EXPERIMENTANDO O MOLDE EM DONA APARECIDA) – Olha aí... com gargantilha...

APARECIDA: Essa dona Bilu é bem enxeridinha, hein?

ANITA: ... a sra. acha melhor diminuir a barra?

APARECIDA: Não gosto de velha desfrutável, viu ela dançando, que coisa ridícula? Velho tem que se dar ao respeito...

ANITA: ... cinto fino com macho na costura lateral...

APARECIDA: Porque a Sílvia Lopes é gorda, tem dois queixos, um anúncio das Casas da Banha, ela é... uma papada que parece um pelicano... mas eu? faço macrobiótica às quintas-feiras, minha filha...

ANITA: ... eu não agüento mais, dona Aparecida...

APARECIDA: A velha, não é, não agüenta mais a velha, não é? (ANITA. TEMPO

RÁPIDO SE REFAZ)

- ANITA: Prefere a cintura aqui ou um pouco mais embaixo? (TOCA O TELEFONE. ANITA VEM ATENDER)
- APARECIDA: Meu marido quis meter a mãe dele lá em casa, eu disse: niqui a velha entra, eu saio – escolhe.
- ANITA: Alô? (TEMPO) Dona Lu, São Paulo, seu Sousa... (VOLTA PARA ACERTAR APARECIDA. DONA LU VEM AO TELEFONE. ABRE UM FOCO DE LUZ EM SOUSA)
- APARECIDA: Que tal descer um pouco mais o decote? Afinal precisamos dar uma esperançazinha pro pessoal...
- LU: (AS DUAS CONTINUAM NO MOLDE. APARECIDA DE VEZ EM QUANDO DANÇA. LU E SOUSA FALAM ALTO E UM POUCO SIMULTÂNEOS, À VELHA MANEIRA) Sousa? Sousa?
- SOUSA: Aqui é o Sousa, de São Paulo. É a Lu?
- LU: É a Lu quem está no aparelho. Como vai, Sousa?
- SOUSA: Como vai, Lu? É o Sousa, aqui de São Paulo.
- LU: Como vai, Sousa? É a Lu, estou aqui no Rio.
- SOUSA: Você tem recebido as minhas cartas?
- LU: Tenho recebido as suas cartas, sim, você tem recebido as minhas cartas?
- SOUSA: Recebi as suas cartas, tem letra muito miúda, a última eu não li porque quebrei os óculos.
- [LU: Você quebrou os óculos?
- SOUSA: Eu quebrei meus óculos.
- LU: Você precisa tomar cuidado para não quebrar seus óculos.
- SOUSA: Eu sentei em cima dos meus óculos.
- LU: Você precisa tomar cuidado para não sentar em cima dos seus óculos. Como vai, Sousa?
- SOUSA: Eu quebrei meus óculos.]
- LU: Você não devia telefonar na parte da tarde, sai mais caro.
- SOUSA: É mais caro na parte da tarde, eu sei, só telefono uma vez por mês.
- LU: Mas você não devia telefonar na parte da tarde porque sai mais caro.
- SOUSA: De noite quando eu telefonei a última vez, a Cora ficou de cara feia.

LU: Tenha paciência com a Corinha.
[SOUSA: Ela anda sempre de cara feia aqui.
LU: Tenha paciência com a Corinha, Sousa.]
SOUSA: O Rio Tietê cheira mal.
LU: Quem cheira mal?
SOUSA: O Rio Tietê cheira mal.
LU: Um rio, é?... cheirando mal... que pena um rio cheirando mal...
SOUSA: É o Rio Tietê.
LU: Tenha paciência com o Rio Tietê, Sousa.
SOUSA: Aqui tem muita umidade, Lu.
[LU: Aí tem muita umidade, é, Sousa?
SOUSA: Aqui é muito úmido.
LU: Muito úmido, é, Sousa? Mas assim aí tem muita umidade, mesmo, é Sousa?]
SOUSA: Muita umidade, as paredes soram.
LU: Tenha muito cuidado com essa umidade, está começando a fazer frio, põe aquele teu capote cinza, viu? O capote cinza, põe ele e abotoa o botão do pescoço também...
SOUSA: O botão do pescoço não abotôo, Lu, você sabe...
LU: Abotoa o botão do pescoço também.
SOUSA: Pinica, Lu.
LU: Deixa que pinique, põe o capote cinza e abotoa o botão do pescoço.
SOUSA: Eu entrei pra AVBAC.
LU: Entrou pra quê?
SOUSA: AVBAC. AVBAC.
LU: AV o quê?
SOUSA: BAC, B de besta. AVBAC.
LU: AVBAC?
SOUSA: AVBAC.
LU: O que é AVBAC?
SOUSA: Pra fazer reclamações. Estamos reclamando de tudo.
LU: Sousa, não se meta nessas coisas, Sousa, não se mete em política.
[SOUSA: É uma associação de veteranos bombeiros.

LU: Você não é bombeiro, Sousa, você nunca foi bombeiro.

SOUSA: Não precisa ser bombeiro, Lu, é de bombeiro mas não precisa ser bombeiro, é de bombeiro mas não tem que ser bombeiro, entende?

LU: Mais ou menos, Sousa, mais ou menos. É melhor desligar que está ficando muito caro, põe o casaco cinza e abotoa o último botão.]

SOUSA: E a nossa situação? Dois meses, já, e a nossa situação?

LU: Estão resolvendo, Sousa.

SOUSA: Estão resolvendo uma pinóia.

LU: Estão resolvendo, Sousa.

SOUSA: Estão resolvendo uma pinóia. A Neli já disse alguma coisa?

LU: A Neli não disse nada ainda, mas estão vendo, viu, Sousa? Estão resolvendo tudo.

SOUSA: Está bem. Até logo, então.

LU: Até logo, Sousa, cuidado com a umidade, põe o casaco cinza e abotoa o botão do pescoço.

SOUSA: O botão do pescoço pinica.

LU: Então compra um cachecol. Em vez de gastar esse dinheiro telefonando de tarde, você podia comprar um cachecol.

SOUSA: Falar com você é melhor que cachecol. Então um abraço, viu?

LU: Um abraço, Sousa, um grande abraço. Olha. Toma Cebion.

SOUSA: Até logo. Um abraço.

LU: Um abraço, Sousa. Olha, no mês que vem, telefona de noite, viu? Um abraço. (DESLIGA). [(ALGUM TEMPO) Interurbano me deixa tão aflita... passa tão depressa e... (ALGUM TEMPO) Sousa é muito teimoso... não quer abotoar o botão do pescoço, ele é assim mesmo... (ALGUM TEMPO) o Seu Rodrigues adorava o Sousa, eu dizia "Sousa, vai falar com o seu Rodrigues, pede dinheiro emprestado e monta uma oficina"... um dia ele foi, o seu Rodrigues deu o dinheiro na mesma hora... ele montou a oficina, tinha muito jeito mesmo... mas não deu certo... ele pagava muito caro pelos rádios velhos que comprava... (TEMPO) ele não ligava pra dinheiro... agora mesmo disse que em vez de comprar um cachecol, preferia falar comigo...

APARECIDA: Olha como ela ficou encabulada, Anita! Olha, vermelhinha! Coisa boa

com o homem da gente, não é? Está alegre, hein? Já viu ela dançar, ah, como ela dança bem?

ANITA: Não, eu...

APARECIDA: Ah, é uma gracinha... tua filha que ensinou ela... mostra aí, dona Lu...

LU: Não, eu, por favor... (APARECIDA VAI ATÉ ELA. COMEÇA A DANÇAR. PUXA-A)

APARECIDA: (CANTA) "Está caindo uma lágrima do meu rosto..." vamos, dona Bilu... pra sua nora ver... (CANTA) "se não a beijo o vento a secará"... Vamos, dona Bilu, coragem...

LU: (MEIO COMEÇANDO A DANÇAR) Eu não sei direito...
(A LUZ DO FOCO DE SOUSA NÃO SE APAGOU. ELE ESTÁ SENTADO. SEM FAZER NADA)

APARECIDA: Que não sabe? Que não sabe? (APARECIDA DANÇA ESPALHAFATOSA. LU ACOMPANHA ENCABULADA E APLICADA)
"Quero guardar pra sempre aqui em meus lábios,
esse sabor gelado de nosso adeus.
Vou conhecer o mundo que não conheço,
Mas lembrarei pra sempre do nosso adeus."
DANÇA. LU DANÇA. ANITA ENCABULADA. SOUSA PARADO, SEM TER NADA O QUE FAZER.]

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

CENA 1*

ABRE SIMULTÂNEO NAS DUAS SALAS. NA DO RIO, ANITA E JORGE TERMINAM DE COMER A SOBREMESA DO JANTAR. NA DE SÃO PAULO, VAZIO, UM PEQUENO TEMPO, LOGO CORA ENTRA. MUITO ENCASACADA. VAI PARA UM ESPELHO SE ARRUMAR. AS ROUPAS INDICAM A CHEGADA DO INVERNO.

- JORGE: ... está tudo tão sem gosto a comida...
- ANITA: Ela não tem mais paciência de ficar na cozinha, Jorge, mas ela vai e insiste, ela quer fazer alguma coisa, e limpa, e deixa um dedo de pó, lá vou escondida limpar, vai na feira, compra tudo estragado, sabe? as frutas então, os feirantes, claro, pra ela só dão xepa...
- CORA: (PARA FORA) Espera um pouco, Wilson... [meu cabelo está fajuto...]
- ANITA: A Neli não disse nada?
- JORGE: ... acho que ela não tem coragem de falar no assunto nem com o marido nem comigo...
- ANITA: Quatro meses, Jorge, a Susana não pára em casa, e fica desafiadora, sabe? não reparou? com cara de "comigo não vai ser assim"...
- WILSON: Cora, eu vou chamar o elevador.
- CORA: Se o elevador chegar, segura ele pelo rabo.
- JORGE: Será que ela continua encontrando aquele sujeito todo colorido?
- ANITA: Não sei... ela não fala, também não quero ficar insistindo, é pior... ela anda muito de cochicho com a dona Lu... Tua mãe virou advogada da Susana, que ela tem pouco vestido bom, que usa *shampoo* nacional... (RIEM)
- WILSON: (DE FORA) Cora! o elevador chegou!
- CORA: Segura o elevador, Wilson. Ora, eu pago. Deixa bater lá embaixo.

** A movimentação na casa de Cora foi substituída pelo diretor para Cora fazendo marcações de limpeza de mesa após refeição.*

ANITA: ... eu e dona Lu agimos uma com a outra como se fosse num palco de teatro, sabe? tudo meio representado, nada é assim fluente, à vontade... ela fala, fala pra não lembrar que está constrangida, fica afogueada, descontrola as reações... (SEU SOUSA, COM O CAPOTE CINZA, ENTRA NA SALA, VINDO DO SEU QUARTO)

WILSON: (NOVAMENTE) Cora, chegou o elevador.

CORA: Segura ele, Wilson.

WILSON: Estão batendo lá embaixo.

CORA: Deixa bater, ora. Eu pago o condomínio, deixa bater.

JORGE: Se mamãe ficar aqui em casa, a gente tem uma conversa com ela, ela não cozinha, arranjamos outra coisa pra ela fazer, sei lá...

SOUSA: Ué, você vai sair?

ANITA: Sua mãe vai ficar aqui, Jorge?

JORGE: Não sei, uma hora o Arildo está sem dinheiro, outra hora foi viajar, não sei...

ANITA: Desculpe, Jorge, era por dois meses, a Susana precisa ter o lugar dela. Sua mãe fala comigo o dia todo, perdão, mas é um suplício trabalhar. E agora com a televisão quebrada...

[CORA: Ô cabelo fajuto]

ANITA: ... eu ouço cobras e lagartos, as tardes das alfinetadas... a tensão que ela sente tem que ser descarregada, e fui eu a sorteada... (DONA LU APARECE NA PORTA)

WILSON: (BERRANDO FORA) Cora, Cora.

CORA: Já vou, Wilson.

WILSON: Anda logo, mulher.

SOUSA: E eu não vou jantar?

CORA: Te chamei cinco vezes, pai, o senhor não veio.

LU: Ué, vocês já jantaram?

ANITA: A senhora estava dormindo tão bem, dona Lu, não quis acordar...

SOUSA: Não podia chamar a sexta vez? eu estava pensando... ando pensando muito.

CORA: De pensar morreu um burro.

LU: ... vocês não me queriam na mesa? pararam de falar quando eu cheguei.

(ANITA LEVA OS PRATOS PARA DENTRO)

- WILSON: Cora, Cora (ELA SAI CORRENDO, MAS VOLTA PARA DAR A FALA COM O PAI)
- JORGE: Ah, mãe, deixa de bobagem, sim, por favor...
- SOUSA: Tem comida na cozinha?
- CORA: Vê lá, pai, vê lá. Tchau. Não dorme, hein, mamma mia! (SAI. SOUSA FICA SÓ)
- LU: ... deve ser porque a Anita não gosta mesmo de conversar... pelo menos comigo ela fala sim, não, é... com a sua filha, então... já disse pra ela, compra umas revistas de moda francesa, melhora um pouco a sala um tapete; e cobra mais caro pela costura... ela cobra muito barato, aí ela ficava um pouco alegre de vez em quando...
- JORGE: Anita, a gente vai perder a sessão das oito. (ANITA VEM)
- OS DOIS: Tchau, dona Lu; Tchau, mãe.
- LU: Tchau. (SAEM. OS DOIS VELHOS FICAM SOZINHOS. SOUSA PEGA UMA REVISTA DE PALAVRAS CRUZADAS. LU FICA POR ALI. LIGA A TELEVISÃO. SENTA. ESPERA. LEMBRA QUE ESTÁ QUEBRADA. DESLIGA. PEGA TAMBÉM UMA REVISTA DE PALAVRAS CRUZADAS)
- SOUSA: ... (LENDO) cavar e joeirar a areia das ostreiras para recolher aljôfar... seis vertical... como é que é?
- LU: Que procede dos avós... cinco... que procede dos avós?...
- SOUSA: Cavar e joeirar a areia das ostreiras para recolher aljôfar...
- LU: ...tentou voar com asas de cera e se esborrachou... cinco... Sousa? (RI TRISTE)
- SOUSA: Para barlavento... três...
- LU: ... ingênua, tola... quatro... horizontal...
- SOUSA: ... um e outro... cinco, vertical...
- LU: ... rachadura em louça... Quatro...
- SOUSA: ... número indivisível... duas, horizontal...
- LU: Que procede dos avós? Ah... neto!
- SOUSA: Cavar e joeirar a areia das ostras para recolher aljôfar... cáspite!
- LU: Tentou voar com asas de cera e se esborrachou... cinco...

CENA 2

A LUZ APAGA LENTA. ABRE EM S. PAULO. SOUSA ESTÁ COM O CAPOTE TODO MOLHADO. SE ENXUGANDO. AFONSINHO PÕE A CARA.

- AFONSINHO: Ei...
- SOUSA: Ô, Afonsinho, entra...
- AFONSINHO: Sua filha não está, não é?
- SOUSA: E volta tarde, hoje, é o último dia da liquidação...
- AFONSINHO: Estou sentindo falta do jantar daqui... comidinha tão caseirinha... melhor que aquela pensão com banha de porco... vocês ainda estão brigados entrementes?
- SOUSA: Dou cinqüenta contos pra ela, cinqüenta contos pro meu filho no Rio, não estou de graça, não, de favor!
- AFONSINHO: (REFERINDO-SE AO MOLHADO) Que é isso?
- SOUSA: A Jaqueline... me mijou todo... Hoje ela ficou em casa, a tal prima que cuida dela foi fazer um aborto... (AFONSINHO ACHA GRAÇA DO MIJADO) Morro de medo de sentar e pegar no sono, estou feito pinto de moleque, de pé o tempo todo... (AFONSINHO MORRE DE RIR)
- AFONSINHO: Olha os intestinos do velho, olha os intestinos do velho... Pinto de menino é piroca... piroca é uma palavra muito engraçada, não é?
- SOUSA: Dou-lhe uma pirocada, hein? (MORREM DE RIR)
- AFONSINHO: Rapaz, subi no elevador com uma oxigenada, o peito um repolhão, quase se via o biquinho... (FAZ A SUA GINÁSTICA DE LÍNGUA) Hein?... hein (MORRE DE RIR)
- SOUSA: Tem um cigarro?
- AFONSINHO: Está sem cigarro?
- SOUSA: Estou sem dinheiro, sem cigarro, sem óculos...
- AFONSINHO: Olha aí dez contos.
- SOUSA: Sai pra lá com isso.
- AFONSINHO: ... pode ficar... não quero nada em troca, não, não precisa arriar a calça, não gosto de bunda velha... (HOMÉRICOS RISOS)
- SOUSA: Mais baixo, olha a Jaqueline.

AFONSINHO: Ela vem aqui e mijá na gente... sabe? consertaram os faróis da rua dr. Emanuel!

SOUSA: Também, faz mais de quatro meses.

AFONSINHO: Mas consertaram. Entrementes, é uma vitória da AVBAC. A AVBAC se fosse levada a sério era bom, mas nem eu levo a sério... tudo de mangueira mole... (RI)

SOUSA: (TOSSE) É... mas esse rio Tietê com frio e tudo continua fedendo...

AFONSINHO: Sousa, pra quem é que eu vou mandar um demorandum dizendo que o rio Tietê fede?

SOUSA: Sei lá, manda pra Helena Rubinstein, sei lá... essa AVBAC não serve pra merda nenhuma, só pra gente se enganar que está vivo ainda.]

AFONSINHO: Seus filhos deixam você de mau humor...

SOUSA: Meus filhos, não, tenho quatro ótimos, só essa que engasgou; a Lu deve ter dado chá de urtiga pra ela quando criança...

AFONSINHO: ... eu tenho três filhos... é, sim, juro... a última vez que vi um foi faz seis meses... entrementes, ele mora dois quarteirões acima da minha casa... no fundo, eles têm raiva da gente... fomos nós que botamos eles nesse mundo com os faróis desligados...

SOUSA: Sinal! Não é farol! Quantas vezes já discutimos isso, ora! E quer saber de uma coisa? Não é "demorandum", é "memorandum"...

AFONSINHO: Não, Sousa, "memorandum" é pra lembrar e "demorandum" é quando demora muito... (SOUSA MORRE DE RIR) E Sousa, entrementes, é assim... (TEMPO DE SILÊNCIO) Queria viver na Roma Antiga... no senado... formado pelos senectos, os velhos, os antigos... aquela gente adorava a velhice... velhice dava lbope...

SOUSA: ... é... mas veio o Gutemberg, inventou a imprensa, a experiência agora está nos livros... saímos da moda...

AFONSINHO: O jeito é a gente escrever um livro de putaria aí, Sousa.

SOUZA: Vou escrever, vou escrever um chamado "Como viver sem utilizar-se da Piroca".

AFONSINHO: (QUASE DESMAIA) Olha os intestinos do velho... ai, ai, ai, me deixa gemer, São Patrício, olha o intestino do velho...

SOUSA: (DEPOIS DE TEMPO) Estou sem óculos, Afonsinho... ENTREGA UMA

CARTA) É da minha mulher... lê pra mim?

AFONSINHO: Será que não tem intimidades? (RI. ABRE A CARTA) Sousa: Eu não quero preocupá-lo, todavia nossa filha, Neli, levou-me a visitar a Dona Cizinha. Recorda-se da Cizinha? A senhora do Raul, seu colega de repartição. Faça um esforço e lembrar-se-á. Dona Cizinha – só me recorde de seu apelido, não me recorde de seu nome – está alojada na Clínica Mantovani, cita à rua Mariz e Barros. Trata-se de um asilo. Um local bastante triste. Os anciãos e as anciãs ficam sentados à porta de seus quartos, vendo corredores escuros. Outros, nos leitos, espantam moscas. Nossa filha, Neli, referiu-se ao local com elogios. Pensei que nossa filha assim se expressava para ser agradável para com Dona Cizinha. Mas, à saída, nossa filha, Neli, voltou a repetir tais elogios à Clínica Mantovani, cita à rua Mariz e Barros. Não alcanço entender porque nossa filha, Neli, levou-me a tal local. Dona Cizinha era pessoa de nossa amizade, mas não muito próxima. Sinto-me nervosa desde que nada parece resolver-se. O que será de nós? Esta ansiosa pergunta tem estado presente assiduamente no meu espírito. Sempre sua. Subscreevo-me, Lúcia Maria de Sousa, entre parênteses, Lu. P.S. – Quinta-feira próxima, nosso filho Jorge completa 43 anos. Não se esqueça de fazer-se presente. (TEMPO DE SILÊNCIO)

SOUSA: ...eu sei o que tenho de fazer... é o que eu já estava fazendo... só que meus óculos quebraram... me empresta os seus, Afonsinho, deixa ver, deixa ver... (PÕE OS ÓCULOS) (PEGA O JORNAL) Melhora muito... marquei aqui... sou prevenido, sabe? comigo, dão rasteira, eu fico logo em pé... esses meninos não vão resolver nada... (DISCA O TELEFONE) ... resolva sozinho seus problemas que são de todo mundo... pois sim, não me pegam desprevenido, não... (NO FONE) Boa tarde, moço. Eu li no jornal que os senhores estão precisando de um auditor, não é? Estou muito interessado: o que é um auditor, hein, meu filho? (OUVE) Ah... isso, não sei fazer, não... (DESLIGA. AFONSINHO CALADO. CABISBAIXO. DISCA DE NOVO)... a mim só pegam de pé, tenho bons amortecedores, hora de briga, a briga é com quem, vamos lá, vou resolver isso logo de uma vez, pra ficar tranqüilo, escrever meu livro da

piroca, é ou não é? (NO FONE) Os senhores estão procurando um arquivista? tenho mais de vinte anos de prática, cavalheiro... idade?... tenho 48 anos... (OUVE) Pois não... até 35 anos, não é? claro... claro... passar bem... (DESLIGA) Vamos lá, plena forma, vamos lá, ah, meus bons tempos, vamos ver outro, vamos lá coração, bombear esse sangue... (ESTÁ PROCURANDO OUTRO TELEFONE)

AFONSINHO: Já sei, Sousa, o vice-presidente de hóquei sobre patins do Floresta, claro!

SOUSA: Que hóquei sobre aonde, Afonsinho? me deixa aqui na batalha...

AFONSINHO: Dr. Jerônimo Castanhede, ele gostou muito da AVBAC, é nosso amigo, entretantes, tem um sítio em Jundiaí, rapaz... precisa de um caseiro, um casal.

SOUSA: Caseiro é um criado, Afonsinho, um doméstico.

AFONSINHO: Não tenho o telefone dele aqui, mas te trago ainda hoje...

SOUSA: Minha mulher não é empregada doméstica.

AFONSINHO: Ora, Sousa, ora, ora...

SOUSA: Acho que você não entendeu, Afonsinho, sou arquivista, sou eletrotécnico, um ótimo arquivista, um eletrotécnico de mão cheia, não sou um criado, Afonsinho, me perdoe, gosto muito de você, mas você se distraiu de tudo, da vida, você não se importa como as coisas acontecem contanto que você tenha um bom lugar pra ver... (AO JORNAL) Vamos ver, vamos... ar... arr... arquivista.

CENA 3*

REVERSÃO DE LUZ. LUZ NA SALA DE JORGE. ESTÃO JORGE, NELI E ROBERTO.

[JORGE: Anita saiu para dar uma volta com a mãe, Neli, podemos falar à vontade.

BETO: Podemos falar a vontade? Então vamos largar esses velhos pra lá?

Esta cena teve sua ação transferida da sala de Jorge para a rua. Está chovendo. Entram Jorge e Beto: o 1.º com guarda-chuva, o 2.º somente de capa. Fazem referência ao local do encontro quando entra Neli também de sombrinha.

JORGE: Não começa, Beto.]

NELI: ...eu falei com meu marido...

BETO: Ah, conseguiu encontrar com ele... até que enfim... um se lembrou do outro? (NELI NÃO RESPONDE. SILÊNCIO)

NELI: Falei com o Arildo e ele sente muito, me pediu uma semana de prazo para pensar, se torturou, ele já vive tormentos por causa da minha sogra e a situação da fábrica que é horrível, ele vive agora em salas de espera de bancos, ele fez o possível com ele mesmo mas sente muito: nós não podemos ficar com o papai e a mamãe dentro de casa.

BETO: E na garagem? Na caixa postal, bem socadinhos?...

NELI: O Arildo acha que o fato dele ter mais posses não lhe dá a obrigação de carregar mais peso de problemas humanos... A alma dele é igual a de qualquer um de nós... tem a mesma pequena capacidade de renúncia que têm todos...

BETO: No fundo ele é um democrata. E você, Neli, o que é que você acha? O Arildo acha, o Arildo acha e você?... perde?]

NELI: (SEMPRE FALANDO SÓ COM JORGE)

Arildo sabe que se eles não ficarem em casa, não ficarão com nenhum de vocês. Ele acha injusto transformar um problema afetivo num problema de espaço.

JORGE: Se mamãe não ficar com você, fica comigo. O problema de espaço existe.

NELI: Você sabe que eu fui com mamãe até a Clínica Mantovani.

JORGE: O que é isso, Neli, por favor?

NELI: ... realmente a Clínica Mantovani é horrível, fria, a roupa de cama não muda, escuro, falta comida, muita mosca... mas o Arildo pegou esse assunto e não viu outra coisa até encontrar o Recreio Branco... é um lugar esplêndido... difícilimo de arrumar vaga... tem elevador, jardim... sem árvores, mas é um jardim agradável... lavanderia, tem assistência médica permanente... todos em uniforme, tudo asséptico, muito claro... é magnífico... eles exigem que os internados tenham menos de 75 anos e que tenham condição de fazer sua toailete sozinhos... mais nada... a dificuldade é arrumar uma vaga... mas o Arildo usou todos seus

cartuchos e está disposto a dar cinco milhões... luvas de um ano... isso garante um ano para mamãe... só conseguimos uma vaga... casal é mais complicado... o relacionamento fica mais difícil, além do mais, papai tem mais de setenta e cinco anos, mas isso se poderia ver... mas já resolvemos um problema... (LONGO SILÊNCIO)

JORGE: Então, até logo, Neli.

NELI: O que é isso, Jorge? não estou entendendo.

JORGE: Você parece que veio aqui vender uma enciclopédia, mostrar prospectos. Você sabe perfeitamente que o serviço de geriatria no país e no mundo é pior que tudo, pior que o sistema penitenciário, pior que os hospícios, pior que orfanatos, que a zona! São depósitos de velhas carcaças, de sucata! Só ponho minha mãe num asilo no dia que abrirem um com *boite* e cabeleireiro e salas de aula onde os velhos vão dar aula, no dia que abrirem um onde o presidente do INPS seja o garçon!

NELI: Jorge, por favor, eu também tenho vergonha mas é assim...

JORGE: Até logo, Neli, lembranças a seu marido...

NELI: Vocês ficam com raiva de mim porque tenho uma situação material melhor e ficam com raiva também quando descobrem que a situação material não é tão melhor assim?

JORGE: ... veja você, eu com tanta raiva e você com tanta boa vontade...

NELI: Ah, então resolva, Jorge, faça a sua cruzada, pode ficar com o papel de mártir, exclusivo da companhia.

JORGE: Até logo, Neli.

NELI: Até logo.

BETO: (DEPOIS DE TEMPO) Depois dessa linda atitude o que é que você pretende fazer? Internar os dois num asilo? (RI) [Espero que a corda arrebente, hein, Jorge? Lembra do enforcado? Espero que a corda arrebente... a realidade aparece muito devagarinho, muito de manso, de repente ela está na sua frente... aí a gente só tem tempo de balbuciar... não estou preparado... não estou preparado... (SILÊNCIO)]

CENA 4

REVERSÃO DE LUZ. SÃO PAULO. SOUSA NO TELEFONE. MUITO FRIO. TOSSE.

SOUSA: Dr. Jerônimo Castanhede? O Afonso Laranja da AVBAC me deu seu telefone. AVBAC? Não, não é cooperativa de leite... é dos bombeiros... ah, lembrou... isso... o senhor não precisa de um casal de caseiros no seu sítio em Jundiaí? Sim, senhor. Minha mulher é ótima cozinheira. Eu? Cinquenta e oito anos, ela cinquenta... Saúde à toda, doutor... coração um relógio... (TOSSE FORA DO FONE)... duas vezes por semana, o que, Dr. Jerônimo? Limpar o chão e as janelas. O chão é todo em cerâmica, claro, a varanda em lajota. Ah, lajota é um material muito decorativo, parabéns... o quê? o senhor tem galinhas, pois não... lavar toda roupa, claro, hortaliças, perfeitamente, minha senhora entende muito de galinhas, eu tenho curso de horticultura, todo o fim de semana o senhor vai, não é, faz muito bem, descontraí-se... quinze hóspedes, maravilhoso... o senhor pensa que minha mulher é uma mula, hein, dr. Bosta? pensa que eu trepo com uma mula? Não consegue reconhecer que minha voz é humana? Hein? A, e, i, o, u, não parecem com as vogais isso? Agora, jumento zurra, jumento, é assim: (ZURRA MUITO) (DESLIGA) (LONGO TEMPO)... opa, opa, opa... ânimo, Sousa!... (TEMPO) Espero que a corda não arrebente...

CENA 5*

REVERSÃO DE LUZ. UM FOCO NA MESA DE ESCRITÓRIO. JORGE FALA COM SEU PATRÃO, SENHOR HONÓRIO.

HONÓRIO: Claro, senhor Jorge, a função do senhor é vender, claro, mas o senhor tem acertado dedetizações demais, acima de nossa capacidade, o laboratório não pode trabalhar acima de sua capacidade.

**Esta cena foi alterada para uma só entrada de Lu, mantendo-se as falas cabíveis.*

JORGE: Preciso de muito dinheiro, dr. Honório, muito dinheiro. É a primeira vez que reclamam de mim porque estou trabalhando bem.

HONÓRIO: Mas eu sou uma indústria em instalação, senhor Jorge, dedetização sofre concorrência dessas firmas enormes de inseticidas, eu batalho com a Ródia! [Com publicidade na televisão... tenho que vender com uma margem de lucro muito estreita, não tenho capital para ampliar instalações...]

JORGE: Os senhores se desapertaram dessa briga com a Ródia, tirando parte da nossa comissão de vendedores... isso agora acabou, mas onde é que foi esse dinheiro que durante um ano os senhores tiraram do nosso bolso?

HONÓRIO: Por favor, vamos ser um pouco mais amenos, senhor Jorge? (ENTRA LU)

LU: Jorge, me disseram que você estava aqui, a moça disse que eu tinha de esperar...

JORGE: Estou aqui numa reunião, mãe, por favor...

LU: ... seu pai está doente, seu pai está...

JORGE: Um momento, mãe, um momentinho...

LU: Você não quer saber do seu pai?

JORGE: Vai, mãe, por favor, por favor... (LU SAI)

HONÓRIO: Senhor Jorge, vamos ver se nos entendemos, nós aumentamos a comissão de vocês.

JORGE: Não houve aumento. Os senhores agora nos pagam comissão verdadeira.

HONÓRIO: Seja, senhor Jorge, seja...

JORGE: E se vocês não podem atender todas as vendas que eu faço, eu saio já, tenho um convite da Insetanil, sem limite de venda.

HONÓRIO: O senhor sabe que eles fazem um serviço inferior. Poderão vender muito no começo, depois... mas eu quero ajudar o senhor... quero fazer uma proposta... chame a senhora sua mãe... depois nós falamos...

JORGE: Obrigado, com licença. (VAI ATÉ A PORTA) Mãe. (LU ENTRA)

LU: Seu pai está...

JORGE: Este é o senhor Honório Lemos. Meu patrão.

LU: Encantada, senhor Onofre.

JORGE: Senhor Honório, mãe.

LU: Desculpe, desculpe estou que... me dá licença seu Osório?... vocês precisam resolver, meu filho... seu pai está doente em São Paulo...

JORGE: Mãe, a gente conversa isso em casa...

LU: Ele está doente, quero ir pra São Paulo, me paga uma passagem, por favor...

JORGE: Mãe, por favor...

LU: Por favor, Jorge, seu Osório entende...

JORGE: Honório, mãezinha.

LU: Honório, Honório, Honório... hoje é aniversário dele seu Osório.

JORGE: Ô, mãezinha...

HONÓRIO: Parabéns.

LU: Olha pra você. São uns lenços. A Anita não compra lenço pra você.

JORGE: Obrigado, mãe. Depois a gente conversa, está bem?

LU: Não vai abrir?

JORGE: Lá em casa eu abro, mãe. Agora, vai.

LU: Não me empurra, filhinho, deixa eu me despedir do moço... até logo... não vou acertar o seu nome... é muito fresquinho nessa sala... parabéns... parabéns também pra você, meu filho, outra vez... até logo, senhor, apareça pra tomar um cafezinho. (SAINDO) Não me deixe sozinha, Jorge, por favor, por favor... (SAI) (SILÊNCIO ALGUM TEMPO)

HONÓRIO: Bem, senhor Jorge, desde que nós passamos a pagar a comissão integral, sofremos um baque, com toda a sinceridade. Quero lhe propor um acordo, não é o mais elegante acordo que se possa propor a alguém... mas faço isso porque estou sem firmeza financeira... Quero propor que esqueçamos esse aumento de comissão.

JORGE: Esquecer, como? Foi no sindicato. Em qualquer vara do trabalho a gente ganha isso...

HONÓRIO: Senhor Jorge, a sua comissão eu continuo pagando... não é possível que um vendedor que está há mais de dez anos na praça, experiente, afável como você, receba a mesma comissão que um menino... [mas é da lei... para conseguir o seu aumento você precisa do de todos... mas eu não posso suportar... pago a sua comissão e o acordo geral vai sendo

esquecido, há um rodízio enorme de gente nessa profissão]... você está com a zona de Flamengo-Botafogo, pois eu lhe ofereço Copacabana...

JORGE: Copacabana é do velho Martins. O senhor devia me conhecer bastante para saber que não pode me fazer uma proposta assim. Se os senhores querem mais lucros, consigam isenção de impostos, financiamentos do governo.... mas não desapertem em cima dos empregados...

HONÓRIO: ... falar é fácil, me desculpe... mas usando a sua expressão, o senhor também não devia "desapertar", desculpe, dentro da sua família.

JORGE: Não entendi.

HONÓRIO: Me pareceu, desculpe, que o senhor tem uma certa vergonha dos problemas que lhe traz sua família, da senhora sua mãe... Desculpe, mas eu tenho que tratar os empregados como o senhor tratou a senhora sua mãe.

JORGE: Senhor Honório, amanhã eu começo na Insetanil. E se o senhor fosse pouca coisa menos idoso, eu lhe daria um murro na boca. (SAI)

CENA 6

REVERSÃO DE LUZ. ABRE NA SALA DE SÃO PAULO. CORA, SENTADA, CHORA.
AFONSINHO PÕE A CARA.

AFONSINHO: Bom dia, com licença? Recebi um recado lá no botequim. Entrementes a sra. mandou me chamar?

CORA: Mandei, seu Afonsinho, esteja à vontade, não senta nessa cadeira, não, o pé está meio fajuto, essa é melhor... aceita um cafezinho? um minuto, vou buscar...

AFONSINHO: Onde está o Sousa?

CORA: Está no quarto, ele se tranca lá... não fala mais comigo... eu adoro ele, ele não vai comigo... Quero falar com o sr. em particular (ENTRA).

AFONSINHO: Epa, quando a esmola é demais, o pobre desconfia... (PARA DENTRO)
Se tiver uns biscoitinhos também, dona Cora... uns bem maciozinhos que minha dentadura está meio frouxa... (TEMPO. CORA VOLTA,

CAFEZINHO E BISCOITINHOS) Obrigado... é requentadinho o café?

CORA: Não. Acabei de fazer agora, tomei agora...

AFONSINHO: Ah, ótimo. Entrementes, como a sra. ia dizendo...?

CORA: Sabe, seu Afonsinho, Deus me perdoe, mas dois dias já que umas válvulas das televisões que o Wilson está consertando, sumiram... o Wilson fica berrando aqui dentro, pensa que sou eu... eu não digo pra ele que acho que foi meu pai...

AFONSINHO: Ah! Sousa não ia fazer isso, dona Cora.

CORA: Ele se tranca no quarto... acho que ele tem raiva do mim... tosse, tosse, murcho, coitado, não é nada grave, acho, pelo amor de Deus! mas ele quer que eu chame minha mãe e não quer médico e quer a mãe. Juro, não quero chamar minha mãe porque não quero assustar ela, não é por causa da despesa... juro...despesa eu estou tendo... mas juro, faço até extraordinário na loja... digo pro Wilson que fui visitar uma amiga...

AFONSINHO: Entendo... entrementes, o pratinho de biscoito a sra. ficou com ele na mão, dona Corinha...

CORA: (PASSA O PRATO) Eu vou pra loja agora.. e queria que o sr. falasse com o velho, comigo não adianta, ele me odeia... ele esquece que me criou dizendo que "pobreza não é vergonha"... aí eu casei com o Wilson que era pobre... mas era assim bonito... e o Ivo quis casar comigo, o Ivo tinha dinheiro, o pai dele tinha um armazém com três balcões... minha mãe queria... mas eu também achava que pobreza não era vergonha... de maneiras que o senhor fala com ele pra mim?

AFONSINHO: É uma ordem, dona Corinha.

CORA: Obrigada, fique à vontade. Vem jantar hoje aí, sem falta, está bem?

AFONSINHO: É uma honra pra mim, dona Corinha. A lata de biscoitinhos está na cozinha? Não se incomoda que eu abuse?

CORA: À vontade (SAI).

AFONSINHO: (TEMPO. QUIETO) Moça muito agradável... (COME) Sousa! Ô Sousa teimoso! Sousa Piroca! Venha comer uns biscoitinhos oferecidos por sua filha que você trata tão mal, Sousa Piroca! (TEMPO. SOUSA VEM. COM PIJAMA, CAPOTE EM CIMA. BARBA POR FAZER. TOSSE) Coma uns biscoitinhos, oferta da casa. (SOUSA TOSSE) Meu Deus, Sousa, que

cara! Sua filha está muito preocupada com você!
 SOUSA: Claro que está. Está preocupada que eu fique bom. Se eu melhora, como mais, dou mais despesa.
 AFONSINHO: Ah, não fale assim da sua filha, Sousa.
 SOUSA: ... ela fica olhando pelo buraco da fechadura pra ver se eu piorei...
 AFONSINHO: Ó, Sousa, que é isso?
 SOUSA: ... o marido fica trabalhando na oficina, que é o meu quarto, até mais de meia-noite, agora... e eu tenho que ficar sentado na sala, esperando pra poder ir dormir... (TIRA DUAS VÁLVULAS DO BOLSO) Também, ó... roubei duas... os dois passaram uma noite de quatro, procurando embaixo dos móveis pela casa toda... nunca atrapalhei a vida de ninguém... mas é preciso atrapalhar a vida das pessoas...
 AFONSINHO: Sousa, você não está bem. Você tem que ver um médico imediatamente, Sousa.
 SOUSA: Minha mulher é quem sabe me tratar, sabe de todas minhas mezinhas, os chás dela... não confio em médico, médico é um comerciante.
 AFONSINHO: Pra que assustar a sua senhora, Sousa? Ela já tem tantos problemas. O médico é uma conquista da humanidade, sem dúvida, é uma conquista da humanidade...
 SOUSA: Você parece minha filha falando.
 AFONSINHO: Pareço porque foi ela quem me mandou dizer isso.
 SOUSA: Ah, é, não é?
 AFONSINHO: E não repetiria se ela não tivesse entrementes absoluta razão.
 SOUSA: Não tem. Mesmo se tivesse, Afonsinho, você tem de ficar do meu lado, preciso de você, eu sou da AVBAC, ela acha a AVBAC ridícula.
 AFONSINHO: Vamos ver um médico, Sousa. Muitas vezes eles acertam.
 SOUSA: Minha filha é mesquinha, Afonsinho, que custa a Lu vir até aqui, cinco meses que não vejo a minha mulher com quem vivi quarenta e seis anos. Quarenta e seis! Ela não quer que a Lu venha pra cá porque tem medo que depois, quando nós dois estivermos juntos, fique muito difícil botar a nossa casca na rua...
 AFONSINHO: Não fale assim, Sousa... ela não quer preocupar a sua mulher... dona Lu nem tem lugar pra ficar aqui! Isso não passa pela cabeça de sua filha.

SOUSA: Aposto que ela te convidou pra jantar.
AFONSINHO: De passagem, de passagem...
SOUSA: (COM EXCESSIVA VEEMÊNCIA) Não vem, Afonsinho, não se venda pelo seu prato de lentilhas! Eu saindo, você acabou, Afonsinho, ela não quer trazer a minha mulher; se minha mulher vier, talvez eu fique mais tempo, entende?... eu preciso ganhar tempo, Afonsinho...
AFONSINHO: (PENSA UM POUCO) Olha, Sousa, eu fico do seu lado até a morte, entrementes...entrementes, esse jantarzinho não vou perder, não.

CENA 7

ABRE NA SALA DO RIO. JORGE ESTÁ SENTADO DE PIJAMA. LÁPIS E PAPEL NA MÃO. ANITA ENTRA.

ANITA: Está acordado ainda? duas e meia, Jorge...
JORGE: Não consigo dormir, estou a galope aqui por dentro todo...
ANITA: Fazendo contas de novo?
JORGE: Dá, Anita, olha, olha, não, ouve, ouve aqui o jeito que eu fiz, essa casinha lá em Vila Paciência é cinco mil de entrada e trezentos e trinta de prestação...
ANITA: Fica pronta daqui seis meses, no prospecto diz seis meses...
JORGE: Seis meses a gente agüenta, agüentamos cinco, meu amor, ouve, ouve; meu pai tem 230 contos de aposentadoria... vamos dizer que eu dê 200 contos por mês...
ANITA: De onde, Jorge? de onde? Você começou tudo de novo na Insetanil, tudo, tudo, tudo de novo, de onde... está faltando dinheiro em casa! a televisão ainda está quebrada...
JORGE: Corinha dá cem contos por mês.
ANITA: Você sabe que não dá, não pode, eles tiram 700.
JORGE: Eu sei, eu sei, mas ela tem 15 milhões guardados...
ANITA: Dela, do marido, da Jaqueline, querem comprar um canto deles, como nós, [só que eles não vão conseguir e vão ficar juntando farelo, juntando areia...]

JORGE: Mariazinha dá cem contos, pode, pode, eu sei que pode, Neli dá quatrocentos... fica mil e trinta cruzeiros, Anita; olha, pelo amor de Deus, não me olha como se eu estivesse brincando, jogando, mil e trinta cruzeiros não dá? não dá?

ANITA: Jorge, meu querido, [meu companheiro], eu também estou que nem sei, mas eles não sentem obrigação nenhuma pelo seu Sousa, seu Sousa não deixou nada, deixou o exemplo dele, mas pouca gente usa isso... mas está bem, vamos admitir que tudo que você falou aconteça como você precisa que aconteça... faz um mês que nós vamos nessas casas, nessas vilas, você viu as casas, Jorge, a prestação é de 330 contos, o condomínio é 80! 80, Jorge. E tem água, luz, esgoto, imposto predial, a casa não tem tanque, não tem caixa d'água, falta água, a luz é baça, os canos estouram, o piso não tem taqueamento, nós fomos lá, Jorge, quanto se vai gastar pra ter uma caixa dessas numa casa para dois velhos? O telefone mas perto fica a um quilômetro... em Miguel Pereira não faz mal não ter telefone... e nessas vilas de meia parede as pessoas se entrechocam, se sobrepõem, a farmácia é longe e só tem Melhoral, chegar num açougue é uma aventura, e a Neli não dá quatrocentos contos por mês porque a entrada dos cinco milhões ela que daria, a Cora não pode dar cem contos por mês e nós não podemos ter duzentos contos livres por mês, porque a gente paga, paga, e deve mais, e fica o resto da vida, Jorge, o resto da vida, você tem a sua, Jorge, infelizmente você existe, tem a sua vida, Jorge. (LONGO SILÊNCIO)

JORGE: ... mesmo que a Neli desse trezentos, duzentos e cinqüenta... (LONGO SILÊNCIO) Espero que a corda arrebente...

ANITA: Que foi?

JORGE: Humor, Anita. Um pouco de humor.

ANITA: Por favor, Jorge, não fica você também com raiva de mim. (SILÊNCIO)

JORGE:... e se a gente alugasse uma casinha... mesmo num lugar afastado... qualquer coisa é melhor que separar os dois, Anita...

ANITA: (PEGA OS JORNAIS ESPALHADOS) Está tudo marcado aqui, Jorge... Bangu 320 contos, quarto e sala... não é quarto e sala que você quer? Cachambi, 280; Jacarepaguá, 280; Jacarepaguá, 230; Todos os Santos,

250; Anchieta, 200 contos; Oswaldo Cruz, 220; prefere a Leopoldina em Ramos? 320... sem taxas, a seco...

JORGE: Anita, tem que ter lugar mais barato que isso... 80 contos de aluguel sei lá... mais da metade do Brasil vive com 400 contos por mês...

ANITA: Mas em rua que não tem calçamento, sem esgoto, em casa que tem fossa, e poço pra puxar água, gente que não tem oitenta anos, pra enfrentar lama e temporal, e água entrando porta adentro, enxurrando pelas calhas... em Miguel Pereira eles estavam protegidos de tudo, aquela dona Sebastiana era um braço ajudando sua mãe... o Brasil vive com 400 contos por mês, com 300, mas a média de idade no Brasil é quarenta anos... Olha, Jorge, me perdoe, mas a gente está só no começo, Jorge... guarda suas forças, quer dar cem contos por mês, não dá, junta esse dinheiro... porque vem doença aí, que Deus me perdoe! E esse asilo é por um ano, e a Corinha quanto tempo vai ficar com teu pai?... o problema só começou, Jorge, me perdoe, só começou... (SILÊNCIO)

JORGE: ... e se a gente alugasse um quarto num apartamento aí, como o Beto, o Beto mora em quarto alugado...

[ANITA: Perto da gente?... é caro o quarto... e é difícil achar quem queira alugar quarto pra gente muito idosa... nunca se sabe o que pode acontecer...]

JORGE: Comer, eles vinham comer aqui em casa, na casa da Neli... (SILÊNCIO)
... não quero reconhecer que perdi, Anita, perdi... estou de quatro... pastando... onde é que eu vou pôr meus pais, Anita? eles me deram essas fibras, essas vísceras, eu sou eles, sou a pulsação deles, ninguém pode andar sem o seu passado, me querem sem passado... tudo que acontece no mundo de insuportável vem estourar dentro da família, é para a família que a gente traz a água fervendo que engole lá fora, aqui dentro é que a gente desaperta e morde e esfaqueia as carnes mais tenras, corcoveia em cima das nossas melhores saudades e confianças... a família é a célula mater da sociedade mas não é o alicerce, o andaime, a família é o fruto, a flor, o resultado... a gente não pode pôr um mundo de sucata em cima da família, ela se esmigalha, [as famílias não são o estrume, são as floradas na serra!] (LONGO TEMPO) Tudo isso

aconteceu porque meu pai é um homem bom, digno e pobre... são obstáculos difíceis de transpor... (OUTRO TEMPO) Não vou ajudar mais ninguém! Perdendo meu tempo ajudando gente no Sindicato, gente que quando me encontra só sabe dizer "como é, quando é que o Sindicato vai se mexer?" Vou cuidar de mim! não vou dizer mais pra freguês meu... "seis meses de garantia não te dou, amizade, está no prospecto mas é mentira!", não, vou empurrar tudo pela goela deles! e vou saracotear com patrão! Vou tirar lugar dos outros, piso quem aparecer na minha frente, vou bater palma, eles querem ouvir palmas, porque como eu sou, sou um inútil, minha única riqueza é uma esperança nublada, sou um inútil, um inútil... podia ganhar muito mais... (LONGO TEMPO). Anita... pelo menos minha mãe, não pode ficar aqui?... meu pai, não sei... hein, minha mãe ficar aqui?

ANITA: Não sei, Jorge. não sei, meu querido...

JORGE: Não dá, não é?... a Susana precisa ter um quarto só dela, não é?... o quarto de uma menina de dezessete anos é um dos seus principais campos de batalha, não é?

ANITA: Acho que sim.

JORGE: Mas eu tenho o direito de pedir que minha filha se sacrifique, não tenho?

ANITA: Tem.

JORGE: Mas não é bom sacrificar uma menina de dezessete anos, não é? (SILÊNCIO). Susaninha já chegou?

ANITA: Não... três horas quase...

JORGE: ... será que ela está sempre chegando tarde?... a gente dorme e não vê...

ANITA:...
... não sei...

A PARTIR DAQUI VAI HAVER ALTERNÂNCIA MAIS RÁPIDA ENTRE
SÃO PAULO E RIO

CENA 8

ABRE EM SÃO PAULO. SOUSA SENTADO NUMA CADEIRA NO MEIO DA SALA.
AFONSINHO, CORA E UM MÉDICO MAIS DISTANTE.

AFONSINHO: O médico está aí, Sousa, deixa ele ver você... pedido de um velho amigo... de um companheiro da AVBAC, são oito horas da manhã, sua filha tem que ir pro trabalho...

SOUSA: Não sou mais da AVBAC, não sou mais de lugar nenhum, sou um estrangeiro, você foi buscar o médico, você me traiu, Afonsinho! me apunhalou!

AFONSINHO: Que é isso, velho amigo, deixa o médico te ver, ele tem uma cara boa, deixa de ser D. Quixote!

SOUSA: Sou ao contrário de D. Quixote... ele queria transformar o mundo... eu queria aceitar, fiz o possível pra aceitar sem me esfaquear, sem me trair, com garbo, não sou como você que escapole, como um camundongo, que ginga, que dançarilha...

CENA 9**

ABRE FOCO NO RIO. JORGE VESTIDO. ANITA E LU DE PIJAMA.

JORGE: Oito horas, Anita... tenho que ir trabalhar... onde está essa menina?

ANITA: Não sei, Jorge, não sei...

JORGE: Telefonou pra casa da Leninha?

ANITA: Leninha já foi pro colégio. Susana esteve lá ontem à noite, mas saiu cedo...

JORGE: Ah, meu Deus... e no colégio?

ANITA: Não está lá, Jorge, você sabe, telefonei na sua frente.

JORGE: Será que aconteceu alguma coisa com ela?

ANITA: Não, não, não...

LU: Ela foi dormir na casa de outra colega, só pode ser isso, Susana tem a cabeça no lugar! ela vai explicar tudo e vocês vão ver, rindo, vocês vão ver a risada que ela vai dar...

** Esta cena foi totalmente cortada no espetáculo.*

*** É a 10ª do 2.º ato no espetáculo.*

JORGE: (CORTA) Está bem, mãe, cala a boca. Vou telefonar pra tudo quanto é pronto-socorro.

LU: Não, não, isso é absurdo, você não confia na sua filha só porque ela não segue sua cartilha como a do Sousa de largar o emprego quando todo mundo precisa e...

JORGE: Já disse pra fechar essa matraca!

LU: Estúpido, estúpido...

JORGE: Me dá uma lista telefônica aí, vai! merda! merda!

LU: Peça perdão, peça perdão, peça perdão...

CENA 10*

REVERSÃO DE LUZ EM SÃO PAULO

CORA: Juro, pai, juro pelo que tem de mais sagrado... não quero avisar a velha porque não quero que ela fique mais preocupada, meu velho... Sabe, pai, nem sei como te digo isso, a Neli disse pro Jorge que não vai poder ficar com vocês, entende?

SOUSA: A Neli não disse isso...

CORA: É, meu velho, é isso, a Neli saiu fora, largou a gente, não queria te dizer isso que o senhor está febril...

SOUSA: Corinha, Corinha, minha filha querida, ouve, você é boa menina, você é muito boa menina mas você entendeu mal, sabe, a Neli não disse isso pro Jorge, Cora, minha filha, estou com medo, me ajuda filhinha, me ajuda, me segura que estou um pouco tonto, minha querida, a Neli não disse isso porque eu não vou ter forças pra aceitar, sabe? meu cupom de aceitar, imagine Corinha, meu carnê de aceitar acabou, eu só tenho agora os cotocos, só estou com os cotocos, estou com medo...

* *Esta cena é a 9ª do 2º ato.*

CENA 11*

ABRE A LUZ NO RIO

- JORGE: Obrigado. (DESLIGA O TELEFONE) Nada, em nenhum lugar...
- ANITA: Acho que ela anda chegando tarde todo dia e a gente não percebeu.
- JORGE: Mas oito e meia da manhã nunca...
- LU: Não é fácil perceber os filhos, descobrir como eles são de verdade
(TOCA O TELEFONE)
- JORGE: Alô? 234-5639, isso mesmo... Jorge de Sousa, perfeitamente... 21º Distrito?... é, é minha filha, pois não... sei... vou... não há dúvida, imediatamente... pois não... (DESLIGA) Susana está no 21º Distrito. Estava numa festinha, houve reclamação dos vizinhos... isso já tinha acontecido algumas vezes, mas dessa houve briga, correria, maconha. Querem que eu vá lá assinar um termo de responsabilidade.
- ANITA: Meu Deus, Jorge.
- LU: Eu disse! eu não disse que ia acabar acontecendo uma coisa assim? Não disse? A menina faz o que quer, anda como quer, com saia por aqui, deixa, deixa ela solta, sem um soutien! eu não disse? deixa fumar, tratada como se fosse adulta, mulher feita... é uma menina! Com a chave de casa na mão! ela só pensa em sapatos e vestidinhos e ninguém chama a atenção, ela é uma hóspede aqui dentro, com um namorado por aí fora, manda trazer em casa o rapaz, faz um jantar, recebe o moço; dá muito trabalho, não dá? dá muito trabalho cuidar de filho, deixa, deixa...
- JORGE: Quem cuida da vida da minha filha sou eu e minha mulher... a Susana está em guerra com a gente e eu e minha mulher achamos que isso é bom, que ela deve guerrear.
- LU: Amor, amor, amor, ela precisa, eu preciso, carinho, compreensão, não quero silêncio, amor...
- JORGE: Esse é o amor que nós sabemos dar! Aceitar que ela corra seus riscos...
- LU: Solta, solta tudo, não liga pra nada, não conversa...
- JORGE: Conversar não adianta, adianta só o exemplo. E o exemplo que nós damos, eu e minha mulher, é limpo, não é hipócrita, meloso e fingido!

* *Esta cena foi ligada no espetáculo à cena 9.*

CENA 12

REVERTE A LUZ

AFONSINHO: Vamos, Sousa, você já está bem melhor... diz trinta e três... é tão pouco com essa inflação...

SOUSA: Me sinto ridículo dizendo isso, a medicina não se desenvolveu nada com todas essas fundações Rockfeller? ainda precisa dizer essa besteira de criança?

AFONSINHO: Sousa, em vez de entrementes discutirmos o progresso da ciência, dá um trinta e três aí...

SOUSA: Que adianta dizer isso se eu não tenho onde morar, Afonsinho?

AFONSINHO: Sousa, você nunca teve pena de você, vai ter agora?

SOUSA: Claro, estou fodido.

AFONSINHO: Está bem, está bem, não diga 33, pronto, diga a idade de Cristo.

SOUSA: Ora que besteira, você é um tratado geral da bobagem... a idade de Cristo também é 33!

AFONSINHO: Não. Quarenta e três.

SOUSA: 33.

AFONSINHO: 43, Sousa Piroca.

SOUSA: 33, 33, entrementes é 33.

AFONSINHO: Até que enfim.

MÉDICO: Muito obrigado.

AFONSINHO: Desculpe a piroca, dona Corinha...

MÉDICO: ... é um princípio de bronquite... nada grave... mas nesse estado psicológico pode sobrevir algo mais sério... ficar de cama, repouso, aplique um emplastro com mostarda...

SOUSA: a Lu disse que de pneumonia eu não ia morrer...

CORA: Essa umidade de São Paulo não é ruim pra ele?

MÉDICO: A senhora tem algum lugar mais seco para onde ele possa ir?

CORA: Tenho uma irmã em Brasília.

MÉDICO: Pra ele, Brasília é ideal.

SOUSA: Ela conseguiu, Afonsinho, viu, você acabou! você cavou sua própria

fossa, imbecil, imbecil!

CENA 13

APAGA A LUZ. FOCO EM JORGE E NELI

JORGE: Neli? É o Jorge.
NELI: ... sei...
JORGE: ... estou falando da rua... na frente do 21º Distrito, Susana estava lá...
NELI: ... sei...
JORGE: Aquela proposta de seu marido ainda está de pé?
NELI: Qual?
JORGE: ... a do retiro...
NELI: Asilo.
JORGE: ... asilo...
NELI: É possível que sim.
JORGE: Podia me dizer o endereço... quero conhecer...
NELI: Um minuto. Haddock Lobo, 286. Sem *boite*, sem cabeleireiro.
JORGE: ... Obrigado... (JORGE DESLIGA. NELI DESLIGA)

CENA 14

APAGA A LUZ. ABRE NA SALA DO RIO DE JANEIRO. DONA LU ESTÁ SOZINHA.
ESPANA OS MÓVEIS. SUSANA VEM DE DENTRO COM LIVROS.

SUSANA: Tchau, avó.
LU: Onde você vai?
SUSANA: Na casa da Leninha.
LU: Ah, não, minha filha, você não...
SUSANA: Volto às nove, não se preocupe. Preciso estudar em dobro, perdi muito tempo. Não precisa espanar, avó, hoje é o dia que a empregada veio.
LU: ... é... agora tem uma empregada... é que eu não sei espanar... é tão difícil espanar...

SUSANA: Além do mais, hoje deve ser a última vez que eu vou pra casa da Leninha. Quero mesmo ficar por aqui um pouco.

LU: Acho bom. Por que hoje é o último dia?

SUSANA: Ora, o pai e a mãe não foram ver o asilo pra senhora?

LU: Foram ver o que, filhinha?

SUSANA: O pai está transtornado, parece que virou do avesso, chorou aí... comigo ele foi demais... não fez uma pergunta, não disse um "olha aqui menina"... tens um filho demais... o meu apaixonado sumiu... foi em jornal pra não sair o nome dele e sumiu... Tchau, avó. Também me amarrei na senhora. A senhora não me entregou nunca. Tchau.

LU: (LU FICA TONTA. VAI AO TELEFONE. DISCA) Por favor queria falar com o Sousa em São Paulo... concertos aí?... 101? disco 101? (DESLIGA. DISCA) Queria falar com São Paulo, preciso falar com o Sousa... O número? um momento, vou ver... pois não, eu chamo depois... (DESLIGA. SAI PARA DENTRO PERPLEXA) (TEMPO. ENTRAM ANITA E JORGE. JORGE SENTA ARRASADO. CATATÔNICO.)

JORGE: Não vou falar com ela, Anita, por favor...

ANITA: Por favor, peço eu, Jorge, você é que tem de falar, não faça ela me odiar ainda mais...

JORGE: Não vou conseguir... vou embora...

ANITA: Você tem de me poupar, Jorge...

JORGE: Vou embora.

ANITA: Dona Lu, Dona Lu, a gente já chegou. (TEMPO. LU APARECE. UM CROMO DE INDIGNAÇÃO CONTIDA)

JORGE: Oi, mãe... senta aqui...

LU: (SENTA) Como foi o aniversário de sua amiga, Anita?

JORGE: Mãe, olha... o médico pediu pra papai ir pra Brasília, que o clima é bom... A Mariazinha disse que pode ficar com o Sousa...

LU: Ah, que ótimo. Quanto tempo?

JORGE: ... não sei...

LU: Ah, pois não.

JORGE: Papai vem pra cá amanhã antes de ir pra Brasília... eu aluguei... a gente,

todos... nós alugamos um hotel pra vocês ficarem juntos um dia... depois o pai vai...

LU: Ótimo.

JORGE: ... tem outra coisa que eu preciso falar com você, dona Lu... (TEMPO. JORGE NÃO CONSEGUE ARTICULAR UMA PALAVRA. ESTÁ A PONTO DE TER UMA APOPLEXIA. SAI CORRENDO PELA PORTA DA RUA. LONGO TEMPO DE SILÊNCIO)

LU: Você tem idéia do que ele queria me dizer?

ANITA: ... (TEMPO PARA FÔLEGO)... é que há duas soluções... a senhora ficar num quarto, procuramos muito, achamos um... e vir fazer as refeições aqui... e a outra... é a senhora ir para um retiro... um lugar razoável... (LONGO SILÊNCIO)

LU: Quer dizer que eu tenho de escolher entre um quarto longe do refeitório e um quarto perto do refeitório... acho que prefiro o perto... (LONGO SILÊNCIO) Por que o Sousa não pode ficar comigo?

ANITA: No quarto, a pessoa não aceita um senhor tão idoso... no retiro, não há vaga... (LONGO SILÊNCIO)

LU: ... vocês vão me visitar lá, não vão, Anita?

ANITA: Claro.

LU: ... e a gente pode sair?... uma vez ou outra vir aqui?

ANITA: Claro. (LONGO SILÊNCIO)

LU: ... vou ter de lavar uma roupas... o fecho da minha mala está soltando... dessa vez vou tomar coragem e jogar algumas coisas fora, ando com muito caxirenguengue... (SAI. PÁRA NA PORTA) ... ninguém conta isso pro Sousa, hein? (SAI. UM TEMPO PARA ANITA.)

CENA 15**

LUZ, ABRE. RISADA DE CORINHA VINDA DO QUARTO NO APARTAMENTO DO RIO. JORGE VEM DE DENTRO. SENTA PESADO. MÃO NA CARA. ALI FICA FEITO ESTÁTUA. NELI E ANITA TRAZEM REFRIGERANTES PARA A MESA. E DOCES. AS VOZES VÊM DO QUARTO. AS PESSOAS ENTRAM E SAEM.

CORA: Juro! Juro! Ele não queria falar 33! Não é uma fajutagem maluca? Pena que o Wilson não veio, ele está de prova! O médico contou pra ele! (SUSANA ENTRA PELA PORTA DA RUA. OLHA O PAI COM A MÃO NA CARA. VAI PARA DENTRO)

BETO: Ele não fala 33, porque ele agora só tem uma boa preocupação na vida, ele agora está preocupadíssimo em morrer!

NELI: Beto, não fala assim.

VOZES: Olha a Susana! Como está bonita! Olha a carioca, é a carioca escarrada! (ANITA PASSA. OLHA JORGE. NÃO FALA COM ELE. JORGE OLHA. ELA VOLTA SEM CORRESPONDER A ALGUMA PEQUENA TENTATIVA QUE ELE FAZ DE PEDIR SIMPATIA.) (CORINHA APARECE ABRAÇADA COM SUSANA)

CORA: [Vou levar o telefone pro quarto, está bem, preciso falar com uma amiga. (VAI PARA DENTRO COM O TELEFONE)] (SUSANA FICA AO LADO DO PAI) (CORA FALA JÁ LÁ DENTRO) Mas eles não vêm? Os velhos não vêm? Já são quase sete e meia, o ônibus pra Brasília sai às nove, esses fajutos não vão dar as caras.

BETO: Mas isso é evidente, o Sousa não quer ver filho nem dele nem dos outros, pelo menos durante os próximos 120 anos! (CORA RI)

NELI: Beto, você está completamente bêbado. (AS VOZES CONTINUAM CHEGANDO)

** O telefone e os diálogos que o autor colocou fora de cena foram transferidos no espetáculo para dentro de cena.*

*** Após fala de Cora para Anita "você está chorando?", o diretor retirou todos os personagens de cena, com exceção de Jorge e Susana.*

CORA: Ih, Anita está com uma cara! Sai dessa cozinha, Anita. Você não está fazendo nada aí... está chorando?

SUSANA: É sua essa idéia de fazer uma festa antes do avô ir embora?

JORGE: Não é idéia de ninguém... eles foram chegando... Neli trouxe uns doces...

SUSANA: Acaba com essa palhaçada.

JORGE: Não posso, faço parte dela.

SUSANA: Ah, é assim, aceitando? É assim? se conformando com tudo? É assim com essa submissão que você quer que eu leve o meu barco? Ouvi dizer que até o Sindicato você vai deixar...

JORGE: (FALA COMO SE ARRANCASSE CADA PALAVRA DA CARNE. MEIO CHORANDO) ... não, Susana, não... vou continuar... a bandeira que o Sousa botou na nossa mão... acho que a Cora, o Beto, a Neli, sei lá da Mariazinha... acho que eles desfiaram ela... eu vou continuar... aceitar o fato consumado, a força que te derrota, te põe de quatro... aceitar o poder dela, o seu domínio, mas sem entregar tua alma... puxa, não é um ato de submissão... aceitar a força do inimigo com calma... com discernimento... significa conhecê-lo, localizá-lo... parece que é assim que começam todos os bons planos de ataque...

CORA: (TELEFONE TOCA). (CORINHA VEM CORRENDO DO QUARTO, SEGUIDA DE BETO E NELI) Alô, velho? É a Cora. Se eu ainda me lembro de você? (MEIO RISO). O que é que houve? vocês disseram que vinham aqui, vai fajutar, ô pai... a Neli comprou uns docinhos... eu comprei uns refrigerantes... vem aqui comer "um pastéis" com a gente... "um pastel", "um pastel", está bem, pai... meu Deus, eu adoro esse velho... pro Beto mandar as piadas dele pra Brasília... (TEMPO). Neli, lembranças para o Arildo... Um beijo pro senhor também, pai... um beijo... (DESLIGA) Jorge... mandou dizer pra você que "estamos na batalha"... Ele não vem. (LONGO SILÊNCIO. TODOS REUNIDOS)

[BETO: É. Jorge economizou na gasolina, é ou não é?
(RI SELVAGEM. SILÊNCIO)]

CORA: Ô, Anita, eu sou visita, faça o favor de vir para cá? Eu vou comer um doce, hein?]

CENA 16

APAGA A LUZ. ACENDE NUM BANCO DE RODOVIÁRIA. OS DOIS VELHOS CHEGAM. MALA NA MÃO DE SOUSA.

LU: ... estamos nessa rodoviária há uma hora, Sousa, e ainda faltam quinze minutos... você e sua mania de chegar cedo...

SOUSA: Deus ajuda a quem madruga.

LU: Hum, você não acredita em Deus.

SOUSA: Mas ele leva muita fé em mim.

LU: A gente podia ter ficado no aterro, passeando um pouco... é tão bonito... como você é, Sousa, aplicado demais... lembro daquela vez na repartição que você passou um processo de um senhor na frente de todos os outros e ele agradeceu e estendeu a mão pra você e disse "olhe aqui, é do senhor"... você ficou indignado, lembra? "Adiantei o seu processo porque sua esposa ficou parálitica, não quero dinheiro, o senhor está enganado comigo!" aí o homenzinho pobre disse... "não é dinheiro, moço, é a sua caneta que caiu no chão..." ... (SOUSA RIU. LU RI) Ah, Sousa, você...

SOUSA: Foi muito engraçado... o homem pensou que eu ia bater nele... me explicou de lá de longe... falando alto... (RI) Ah... estou me lembrando do Afonsinho, você ia gostar dele, Lu, tudo está bem pra ele, sempre... imagine que ele tem três filhos e não vê os meninos há seis meses e eles moram a dois quarteirões!

LU: Ah, pecado!

SOUSA: Ele diz "entrementes" pra tudo... é, e não sabe bem o que quer dizer entrementes... mas volta e meia ele sapeca o entrementes dele... sabe o que ele diz? Demorandum. Que memorandum é pra lembrar e demorandum é quando demora.

LU: Não acredito, você está inventando. (MORREM DE RIR)

SOUSA: Ele me chamava de Sousa Piroca.

LU: Ah, que horror, Sousa.

SOUSA: Sousa Piroca, eu sou o famoso Sousa Piroca e você nem sabia disso... O

Afonsinho vivia fazendo assim, olha... (FAZ AS COISAS QUE AFONSINHO FAZIA COM A LÍNGUA)

LU: Sousa, pelo amor de Deus, está todo mundo olhando pra você... meu Deus, você voltou um devasso... (RIEM ÀS LÁGRIMAS. SOUSA FAZ COISAS COM A LÍNGUA) (LU TAMPA SUA BOCA)

VOZ: Passageiros da Viação Expressa com Destino a Brasília, 21 horas, por favor, descer à plataforma dois. Boa viagem.

SOUSA: Está na hora, Lu.

LU: (OLHANDO) Ih, parece um ônibus firme... bonito.. muito bom, muito confortável, Sousa.

SOUSA: Sousa Piroca é assim. Você tem dinheiro pra voltar pra casa do Jorge?

LU: ... Não...

SOUSA: Ah, Lu, você, você... Lu Piroca. (RIEM. ELE DÁ UM DINHEIRO)

LU: Coma durante a viagem, hein, não deixe de se alimentar.

SOUSA: Está bem, Lu.

LU: Abotoa o botão do pescoço.

SOUSA: Não, Lu, pinica.

LU: Abotoa o botão do pescoço, Sousa Piroca. (RI MUITO. SOUSA TAMBÉM)

VOZ: Segunda chamada, passageiros de Brasília, 21 horas, Viação Expressa. Plataforma 2. Boa viagem. (TEMPO DE SILÊNCIO)

SOUSA: Até logo, Lu.

LU: Até logo, Sousa. (UM TEMPO. UM ABRAÇO FORTE) [Já estou me acostumando a ficar longe de você, cuidado, hein?

SOUSA: Quem tem de ficar preocupada é você... afinal sou o Sousa Piroca...]

LU: Um abraço na Mariazinha.

SOUSA: Dou sim. (SAI. UM TEMPO. VOLTA) Lu... sabe... não estou arrependido.

LU: ... nem eu... (SOUSA SORRI, LU FICA SOZINHA UM TEMPO. RUÍDO DO ÔNIBUS. LU DÁ ADEUS. TEMPO. O RUÍDO DO ÔNIBUS DIMINUI. LU SAI)

– FIM –